



Universidade de Brasília  
Faculdade de Ciência da Informação

CARLA QUEIROZ DE ARAÚJO

**A BIBLIOTERAPIA E O CONTAR DE HISTÓRIAS:  
UM PROCESSO TERAPÊUTICO**

Brasília/DF  
2011

CARLA QUEIROZ DE ARAÚJO

**A BIBLIOTERAPIA E O CONTAR DE HISTÓRIAS:  
UM PROCESSO TERAPÊUTICO**

Trabalho de Conclusão do Curso de Biblioteconomia da  
Universidade de Brasília (UnB), como requisito parcial  
para obtenção do grau de bacharelado.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ilza Leite de Azevedo Santos  
Lopes

Brasília/DF  
2011

Araújo, Carla Queiroz de.

Biblioterapia e o contar de histórias : um processo terapêutico / Carla Queiroz de Araújo. – Brasília : Universidade de Brasília, 2011.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ilza Leite de Azevedo Santos  
Lopes

Monografia (Graduação) – Universidade de Brasília,  
Brasília, 2011.

1. Biblioteconomia. 2. Biblioterapia. 3. Contador de histórias. 4. Conto. I. Título.



**Título:** A biblioterapia e o contar de histórias: um processo terapêutico.

**Aluna:** Carla Queiroz de Araújo

**Monografia apresentada à Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.**

Brasília, 17 de junho de 2011.

**Ilza Leite de Azevedo Santos Lopes – Orientadora**

Professora da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)

Doutora em Ciência da Informação

**Dulce Maria Baptista - Membro**

Professora da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)

Doutora em Ciência da Informação

**Sonia Araújo de Assis Bôeres – Membro externo**

Mestre em Ciência da Informação

*Primeiramente a Deus, a minha família pela paciência, ao meu namorado pela compreensão e carinho, aos amigos pela força e aos professores pelo incentivo.*

*Agradeço a todos que estiveram ao meu lado,  
pela compreensão e amizade.*

*A leitura de um bom livro é um diálogo incessante  
em que o livro fala e a alma responde.*

André Maurois, 1885-1967

## **RESUMO**

Visa interligar a área de Biblioterapia com a Arte de contar histórias. O surgimento da biblioterapia como área de conhecimento da própria Biblioteconomia e as análises decorrentes ao assunto, aqui são retratadas de forma conceitual e teóricas, o que permite compreender as reais intenções de uma prática biblioterapêutica e o que dela se aplica. Nesse contexto, o trabalho tem por perspectiva apresentar a biblioterapia para os profissionais de Biblioteconomia como uma área promissora. Ao longo do trabalho, é notório que o mesmo perpassa por tópicos teóricos e analisa a biblioterapia sob o escopo de como a sua aplicabilidade é importante para a cura do corpo e da alma. Por meio dessa dinâmica, explora-se o reconhecimento do indivíduo através dos seus sentimentos, firmando sua personalidade na sociedade e em como esta constrói seu caráter. Aqui se demonstra a preocupação em saber lidar com o diferencial da biblioterapia quando comparada à Psicologia. Entretanto, a biblioterapia jamais desejou esse título, pois, acreditamos que para o bom resultado de uma prática biblioterapêutica o trabalho em conjunto com outras áreas de conhecimento é relevante para consolidá-la como uma das diversas formas de terapia. Além disso, o livro, que é um instrumento de trabalho para a biblioterapia assume um importante papel de apoio e libertação das emoções. Emoções estas que, se bem trabalhadas pelos biblioterapeutas, são o conforto à alma e estímulo da criatividade do ser humano.

**Palavras-chave:** Biblioteconomia. Biblioterapia. Contador de histórias. Conto. Emoções. Cura.



## **ABSTRACT**

The present work has the goal of connecting Bibliotherapy with the art of storytelling. Thus, with the appearance of Bibliotherapy as an area of knowledge of Librarianship itself and the analysis about the subject is shown in a conceptual and theoretical way that permits to understand the real meaning of a bibliotherapeutical practice and how much of it is applied. Nevertheless, the work has the perspective of introducing Bibliotherapy as an important area to professionals of Librarianship. Throughout the work it becomes clear it compass notorious by theoretical topics and analysis of bibliotherapy with the purpose of assessing its applicability and showing its relevance to the cure of body and soul. By this dynamics here is explored the recognition of individual across of your feelings, securing your personality inside of society and as the same build our character. Here is demonstrate the worry about in know how handle with the different between the bibliotherapy when is compares to the psychology. However, bibliotherapy never desires this title, because the same believes that for a good result of a bibliotherapeutical practice the work with others areas is necessary to consolidate the bibliotherapy like one of the different ways of therapy. Besides of, the book, which is a tool for bibliotherapy assumes an important support role and freedom of emotions. Emotions that worked of the right by librarian-therapist are comfort to the soul and a stimulus to the creative of human being.

**Keywords:** Librarianship. Bibliotherapy. Storyteller. Tale. Emotions. Cure.

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 - Conto de tradição oral ..... 57

Tabela 2 - Aplicabilidade prática..... 62

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO .....	12
1.1 Objetivo geral .....	14
1.2 Objetivos específicos.....	14
2 REVISÃO DE LITERATURA .....	15
2.1 Da Biblioteconomia à Biblioterapia.....	15
2.2 Biblioteconomia como Área do Conhecimento .....	18
2.3 Biblioterapia: uma especialização da Biblioteconomia .....	19
2.3.1 Biblioterapia e as múltiplas correntes teóricas .....	22
2.3.2 Aplicabilidades biblioterapêuticas .....	26
2.4 A Arte de Contar Histórias.....	27
2.5 A Importância da Leitura .....	29
2.5.1 O universo fantástico da leitura.....	33
2.6 O Trabalho do Contador de Histórias .....	38
2.6.1 Biblioterapia e o ofício do contador de histórias.....	41
2.6.2 Fundamentos do ofício de contar histórias.....	42
2.7 Biblioterapia: um processo terapêutico .....	43
2.7.1 A quem se destina a biblioterapia .....	46
2.7.2 Imersão biblioterapêutica .....	47
2.7.3 O conto: um agente de mudança .....	48
2.8 A Biblioterapia e a Questão de Mudança de Comportamento .....	50
3 METODOLOGIA .....	53
4 BIBLIOTERAPIA E O COTIDIANO .....	54
4.1 O Papel do Bibliotecário .....	55

4.2 Biblioterapia: aplicabilidade prática.....	57
4.2.1 Ambiente escolar.....	62
4.2.2 Ambiente hospitalar .....	64
4.2.3 Ambiente terapêutico .....	65
 5 CONCLUSÃO .....	 68
 REFERÊNCIAS .....	 70

## 1 INTRODUÇÃO

A presente monografia tem por finalidade examinar a possível correlação existente entre o trabalho do bibliotecário e o ofício do contador de histórias. Prontifica-se a repassar alguns fundamentos e conceitos primordiais ao entendimento da Biblioteconomia que, por vezes, é vista com certa desconfiança por parte daqueles que a desconhecem como Ciência da Informação. Atrélada a essa rica área de conhecimento, se introduz aqui o conceito de biblioterapia, conceito esse que possui uma gama de significados e interpretações de vários estudiosos. Além dessa questão o que se propõe nas páginas a seguir é também fundir o ofício do contador de histórias diante da própria Biblioteconomia e a área de especialização, biblioterapia.

Com este trabalho, pretende-se demonstrar a relevância que a biblioterapia tem angariado durante os anos, não só como prática terapêutica no desenvolvimento psicomotor das crianças em idade escolar, independentemente do grau de instrução e/ou sexo, mas, sim, como corrente teórica da própria Biblioteconomia. No desenvolvimento dessa atividade, o ofício do contador de histórias tem partilhado seus meios e técnicas com aqueles que veem no tema uma atividade social e terapêutica, que por meio da expressão lúdica<sup>1</sup> pode ajudar crianças em sua interação com o mundo social e na liberdade de seus sentimentos. Para isso, o presente trabalho se propõe a abrir espaço ao ofício do contador de histórias dentro da área de Biblioteconomia, mais especificamente na corrente de biblioterapia, onde assim se busca associar as duas temáticas.

Além disso, o trabalho se destina a proporcionar ao profissional da área de Biblioteconomia uma alternativa à sua colaboração no que se refere ao seu aspecto social e, conseqüentemente, ao seu aperfeiçoamento técnico. As duas áreas possuem representatividade, pois, observa-se que atualmente o ato da leitura tem sido substituído por outras atividades, como por exemplo, o uso da *internet* e os jogos eletrônicos, deixando-se de lado o gosto pela leitura. Além disso, as crianças acabam por perder estágios importantes na sua infância, por exemplo, o

---

<sup>1</sup> **Lúdico** adj. 1. Relativismo a jogos ou divertimentos: atividades lúdicas nas escolinhas. 2. Que causa riso, porque é ridículo. (SACCONI, 1996, p. 431).

*“O lúdico seria aquela categoria que, presente no ato estético, permitiria ao receptor entrar em um jogo cujo resultado, sendo-lhe desconhecido, depende de sua atuação na partida. Isto, do ponto de vista da literatura infantil, quer dizer que as mensagens por ela veiculadas devem ser instigantes a ponto de desafiar o leitor, propor-lhe problemas cujas soluções dependeriam de sua habilidade em jogar, de sua capacidade criativa para dar respostas a situações novas, de suas idiossincrasias.”* (CUNHA, 2004, p. 77).

desfrutar de um “faz de conta”.

Para a compreensão do tema, a linha de pensamento adotada parte do princípio de como a biblioterapia contribui na ajuda do desenvolvimento da criança em seu ambiente escolar e social. Assim sendo, com a análise textual e, também por exposições práticas, o que se pode perceber é que a narrativa das histórias apresentadas às crianças não deve limitar-se apenas a oratória, mas também a um trabalho lúdico e corporal.

Chegou-se a essa conclusão por meio da discussão sobre como as histórias devem ser transmitidas às crianças e como elas recebem a mensagem exposta. No caso clínico, segundo Seitz (2006), a evolução das crianças se demonstra nos momentos em que elas deixam de lado a sua enfermidade, e passam a interagir com as personagens da história. Tudo isso, segundo a autora de *Biblioterapia: uma experiência com pacientes internados em clínica médica* fora realizado com o seu trabalho nas bibliotecas infantis instaladas em alas de hospitais.

Outrossim, a Biblioteconomia, com o passar dos anos, tem recebido maior destaque tendo em vista que outras vertentes, anteriormente não trabalhadas pela academia, na atualidade já passam a ser consideradas como importantes para a expansão do próprio curso. Esse é o caso da biblioterapia que conseqüentemente tem sido alvo de exploração por pessoas que acreditam que essa vertente é de fundamental importância, devido ao cenário representado pelo mundo moderno e as doenças do século XXI.

Em adição, o ofício do contador de histórias, que outrora se restringia às brinquedotecas, passou a ser um modo de se perpetuar a infância por meio da apresentação lúdica às crianças. Assim, trabalhar a biblioterapia e o contar de histórias em paralelo demonstra que, cada vez mais, os profissionais da informação não devem se restringir aos centros de documentação, como símbolo de seu ambiente profissional. Eles devem estar atentos à evolução de sua área e, assim, passar a interagir com ela. É com isso que o aqui exposto argumenta como as áreas de biblioterapia e o ofício do contador de histórias podem ser trabalhadas em conjunto e projetar melhorias educacionais, motoras, emocionais, sociais, familiares diante dos obstáculos que as crianças venham a enfrentar.

No primeiro capítulo, consta a revisão de literatura, onde a biblioterapia é remontada segundo os conceitos acerca do tema, a importância que possui para a área de Biblioteconomia e quais são as linhas de pensamento prós e contra essa atividade. Nos tópicos seguintes, novidade para alguns ou não, o ofício do contador de histórias será relatado segundo experiência própria, as

correntes que se difundem dessa área e todo o embasamento conceitual envolvido nessa atividade. E por último, mas não menos importante, a biblioterapia é discutida de modo a compreendê-la e, assim, desvendar seus mecanismos e sua aplicabilidade. Incluem-se aqui as diversas possibilidades que o ofício do contador de histórias tem para com a área de biblioterapia. Em sequência, o capítulo seguinte apresenta como a Biblioterapia é aplicada como Ciência da Informação e o que se consegue retirar de relevante para a compreensão e aplicação do estudo da indicação de livros<sup>2</sup> para fins de terapia.

Por fim, a conclusão, canaliza as idéias advindas dos capítulos anterior, exemplificando, argumentando e elencando as semelhanças, diferenças, dúvidas e possíveis respostas quanto à proposta do presente trabalho.

## 1.1 Objetivo Geral

Analisar a influência que a biblioterapia possui, nos ambientes escolar e social de crianças, por meio da prática de contar de histórias.

## 1.2 Objetivos Específicos

- Perceber as vertentes da biblioterapia;
- Analisar o embasamento teórico da biblioterapia;
- Analisar a técnica do contador de histórias;
- Exemplificar a prática da biblioterapia.

---

<sup>2</sup> CALDIN, Clarice Fortkamp. **Biblioterapia**: um cuidado com o ser. São Paulo: Porto de Idéias, 2010.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

As pesquisas para a presente revisão de literatura foram realizadas nas seguintes fontes da informação:

### 2.1 Da Biblioteconomia à Biblioterapia

Etimologicamente, a origem da palavra Biblioteconomia é uma derivação de três elementos gregos *biblion* (livro) + *théke* (caixa) + *nomos* (regra). O profissional graduado em tal área é o bibliotecário(a)<sup>3</sup>, popularmente conhecida no ambiente escolar por “tia (o) da biblioteca”. Embora venha ganhando força nos últimos tempos, ainda é uma área incompreendida, ou por desconhecimento da área, ou pelo grau de complexidade que carrega.

Na concepção formal e teórica da área, a Biblioteconomia é uma ciência responsável pela salvaguarda, administração, gestão e legislação de todo e qualquer acervo documental ou outros conteúdos ligados a uma instituição pública ou particular com características informacionais, cuja forma e gênero da informação se dão por meio de um livro, jornal, revista, áudio, vídeo, fotografias e demais formatos educativos e informativos em que o conhecimento possa se apresentar.

Para Cunha (2008), o termo Biblioteconomia se apresenta com diversas interpretações, dentre as quais, devido à sua importância para área, ser reconhecida perante a academia. Nas definições do autor o termo significa:

**Biblioteconomia** (abrev: BIB) *librarianship, library science* BIB **1.** Parte da bibliologia que trata das atividades relativas à organização, administração, legislação e regulamentação das bibliotecas. **2.** Conhecimento e prática da organização de documentos em bibliotecas, tendo por finalidade sua utilização. **2.1** Responde aos problemas suscitados: pelos acervos (formação, desenvolvimento, classificação, catalogação, conservação); pela própria biblioteca como serviço organizado (regulamento, pessoal, contabilidade, local, mobiliário), e pelos leitores, os usuários

---

<sup>3</sup> Palavra formal que designa o profissional de biblioteconomia. Cronologicamente no Brasil as leis que tratam da profissão de bibliotecário (a) são: a Lei nº 4.084 de 30 de junho de 1962 (que dispõe sobre a profissão de Bibliotecário e regula seu exercício), o Decreto nº 56.725 de 16 de agosto de 1965 (regulamenta a Lei nº 4.084 de 30 de junho de 1962), a Lei nº 7.504, de 2 de junho de 1986 (Nova redação ao art. 3º da Lei nº 4.084, de 30 de junho de 1962), a Lei nº 9.674 de 26 de junho de 1998 (Dispõe sobre o exercício da profissão de Bibliotecário e determina outras providências), a Lei nº de 2003 (Institui a política Nacional do Livro) e até o presente momento a Lei nº 12.244, de 24 de maio de 2010 (Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País (bibliotecas escolares com bibliotecários).



(deveres recíprocos do pessoal e do público, acesso aos livros, empréstimo)” (LEC, p. 14-15). **3.** Conjunto dos conhecimentos profissionais referentes aos documentos, aos livros e à biblioteca. ↔ ciência da informação, documentação. **4.** “Distingue-se da arquivologia (↔) e da museologia (↔) pela natureza de seu objeto: nos arquivos, documentais textuais e visuais [documentos em multimeios] e dos quais existem exemplares únicos; nos museus, documentos visuais [bidimensionais e tridimensionais] dos quais também existem documentos únicos; nas bibliotecas, documentos textuais e audiovisuais dos quais existem exemplares múltiplos” (FON, v. 4, p. 1372) ↔ ciência da informação. (CUNHA, 2008, p. 55)

Por se tratar de uma área que abarca o acervo documental e que organiza a informação, a Biblioteconomia é considerada como uma evolução para a Ciência da Informação. Além disso, a Biblioteconomia e a Arquivologia<sup>4</sup>, ainda que trabalhem com a informação, apresentam fundamentos e princípios de cada área de conhecimento, se distinguindo por suas peculiaridades e especificidades em seu currículo acadêmico.

Em linhas gerais, a Biblioteconomia é uma área com diversas atuações onde, nos dias de hoje, torna-se necessário não apenas o conhecimento teórico e prático, mas também o saber lidar e se relacionar com as pessoas que estão a sua volta, como por exemplo, os usuários. Além disso, o profissional de Biblioteconomia deve ter em mente que a unidade de informação de seu trabalho já não se limita apenas aos livros e, sim, às diferentes formas de informação.

Arelado a essa responsabilidade do profissional, o conhecimento somente será assegurado se o profissional e a população se conscientizarem de que zelar pela informação e o conhecimento é um direito e um dever de todos.

Dentre as diversas correntes típicas da área de Biblioteconomia, a biblioterapia se configura como uma opção de trabalho que foge à regra do tradicionalismo das especializações, e se apresenta como uma área de atuação profissional. Nas palavras de Ouakin, biblioterapia é composta de dois termos de origem grega, livro e terapia, que de modo associativo compreende-se como “terapia por meio de livros” (OUAKIN, 1996, p. 11).

Em adição ao pensamento de Ouakin (1996), Cunha (2008) delineia a biblioterapia como um programa de leitura direcionada ao tratamento de problemas pessoais, mentais e emocionais tendo em vista a utilização do livro como instrumento de cura.

---

<sup>4</sup> **Arquivologia** *archival Science, archive administration, archive Science, archivistics* ARQ “disciplina que tem por objeto o conhecimento dos arquivos e dos princípios e técnicas a serem observados na sua constituição, organização, desenvolvimento e utilização” (DICT). ↔ arquivística, biblioteconomia, ciência da informação, documentação. (CUNHA, 2008, p. 30).

**Biblioterapia** *bibliotherapy* BIB MED PSI “utilização de livros e outros materiais de leitura em programas de leitura direcionada e planejada para auxiliar no tratamento de problemas mentais e emocionais, bem como desajustes sociais” (YOU, p. 23 *apud* CUNHA, 2008, p. 55).

A biblioterapia é uma atividade interdisciplinar, nas quais as áreas de conhecimento como a Biblioteconomia, Educação, Enfermagem, Psicologia, Literatura, Medicina, Assistência Social e Terapias de diversas correntes trabalham em unidade. Atualmente, sabe-se que a biblioterapia tem demonstrado possuir um campo de grande produção científica e, claro, a atuação profissional de todas as áreas em conjunto.

A princípio a biblioterapia era aplicada apenas com pacientes com distúrbios psicológicos, mas a sua própria atividade fez com que, com o tempo, fosse ampliado o seu campo de atuação. Hoje é muito aplicada nos hospitais, e na interpretação de Caldin (2010) a leitura é um coadjuvante no tratamento de doenças físicas e psicológicas, o que ajuda na recuperação dos problemas pessoais, tendo em vista o uso de uma leitura direcionada, pensamento esse partilhado conjuntamente com a Associação das Bibliotecas de Instituições e Hospitais dos Estados Unidos.

Em adição, Caldin (2010, p. 14-15) define biblioterapia como uma terapia por meio de textos literários acompanhados de sua leitura e de comentários que surgem através dessa leitura tanto do ouvinte como do narrador, sejam suas vivências ou interpretações feitas do texto. Com isso, o ouvinte, que necessita de um estímulo positivo para superar o momento difícil pelo qual está passando, se envolve emocionalmente com o texto ficcional (CALDIN, 2010, p.19).

Ferreira (2003) defende que saber lidar com as emoções e o autoconhecimento é uma maneira positiva em que a biblioterapia ganha respaldo quando aplicada na cura dos indivíduos, pois assim o ser humano consegue externar suas angústias e anseios.

A Biblioterapia é uma técnica de mudança de comportamento através do autoconhecimento e que utiliza as qualidades racionais (intelecto, inteligência, compreensão cognitiva) e emotivas dos indivíduos que se submetem a ela, para obter uma modificação do seu comportamento. (FERREIRA, 2003, p. 39)

Para os aplicadores ou replicadores da biblioterapia, como forma alternativa de cura, saber a importância que a expressividade da fala tem, perante o ouvinte, é fundamental para a aplicabilidade de uma técnica biblioterapêutica. A expressão e manifestação de reações adversas são notadas em como as palavras chegam aos ouvidos. Segundo Caldin (2010, p. 38), “Escutar, falar, tocar – três ações que, se voltadas para o cuidado com o ser são terapêuticas: é o que

defendem os aplicadores da biblioterapia”.

Explicitando: não basta ler, narrar ou dramatizar um texto (isso é feito na *Hora do conto*); a biblioterapia vai além, prioriza ouvir o novo texto que foi criado por cada um dos envolvidos na sessão de leitura, narração ou dramatização. Em outras palavras: significa uma troca de experiências sem perder de vista a individuação do sujeito, ou seja, enseja ao diálogo. (CALDIN, 2010, p. 14-15)

Em síntese, a composição das técnicas da biblioterapia, ao longo dos anos, torna-se mais relevante dada a evolução da própria Biblioteconomia. Apesar de associada a um ramo com viés de terapia, amplamente definido pela Psicologia, a biblioterapia deve ser compreendida como uma atividade, meio e fim, no que tange ao reestabelecimento do ser humano de seus problemas, perturbações e angústias. Portanto, cabe ao profissional de Biblioteconomia aliar a técnica acadêmica a um trabalho de escopo social e voltado ao bem-estar do ser humano.

## **2.2 Biblioteconomia como Área do Conhecimento**

Acredita-se que a Biblioteconomia é umas das atividades mais antigas da humanidade, tendo sua origem atribuída, na Antiguidade, à Calímaco, catalogador da Biblioteca de Alexandria e, posteriormente, aos trabalhos dos monges copistas na Europa Medieval, dentro das grandes bibliotecas nos mosteiros. No Brasil, o curso de Biblioteconomia surgiu em 1915 no Rio de Janeiro, na Biblioteca Nacional. Nos anos 1970, a pós-graduação foi iniciada com a criação do mestrado em Biblioteconomia pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). Posteriormente, surgiram diversos cursos (graduação e pós-graduação) por todo Brasil, alguns com a denominação de Ciência da Informação.

Ciência da Informação designa o campo mais amplo, de propósitos investigativos e analíticos, interdisciplinar por natureza, que tem por objetivo o estudo dos fenômenos ligados à produção, organização, difusão e utilização de informações em todos os campos do saber. [...] a biblioteconomia e a arquivologia são disciplinas aplicadas, que tratam da coleta, da organização e da difusão de informações preservadas em diferentes tipos de suporte de materiais. Diferenciam-se, basicamente, pelo fato de que as bibliotecas e outros órgãos assemelhados lidam com a necessidade de prover os usuários com informações substantivas sobre universo dos conhecimentos, ou parte deles, enquanto que os arquivos lidam com aqueles documentos que foram produzidos com resultado das atividades desenvolvidas por uma pessoa física ou jurídica e que, portanto, documentam essas atividades. (CNPq. AVALIAÇÃO E PERSPECTIVA 82, 1983) (OLIVEIRA, 2005, p. 17)

Percebe-se assim que a Ciência da Informação é uma grande área em que estão abrigadas subáreas, como a Biblioteconomia e a Arquivologia<sup>5</sup>. A Biblioteconomia e a Ciência da Informação caminham juntas, sendo que uma não é a evolução da outra, pois, cada uma possui seu paradigma (OLIVEIRA, 2005, p. 21). Nas palavras de Fonseca, a Biblioteconomia possui como objetivo a organização e administração de bibliotecas, seleção, aquisição e organização de materiais bibliográficos (FONSECA, 1987, p. 127).

Em uma visão geral, a Biblioteconomia, enquanto área da Ciência da Informação, tem seus trabalhos direcionados à preservação da informação independentemente do conteúdo que os materiais informacionais venham a apresentar. Vale lembrar que a Biblioteconomia é uma área interdisciplinar e não se restringe ao espaço físico de uma biblioteca, sendo que, assim, o profissional de biblioteconomia pode atuar em diversas instituições preocupadas não só com a organização de seu acervo material e imaterial, como, principalmente, com a disseminação da informação.

### **2.3 Biblioterapia: uma Especialização da Biblioteconomia**

Dentre uma miscelânea conceitual para o termo biblioterapia, a analogia se concentra em conceber a biblioterapia como termo derivado do grego “*Biblion*”, que significa qualquer tipo de material bibliográfico ou de leitura e “*Therapein*”, que se foca na questão do tratamento, restabelecimento ou cura, tal como retrata Ferreira.

[...] A Biblioterapia é vista como um processo interativo, resultando em uma integração bem sucedida de valores e ações. O conceito de leitura empregado neste processo interativo é amplo. E inclui todo tipo de material, inclusive os não convencionais. (FERREIRA, 2003, p. 36)

Na biblioterapia clássica, segundo o que argumenta Caldin (2001, p. 37), a terapia é possível por meio da leitura de textos literários e esta é reforçada pela explanação de comentários adicionais às histórias lidas. Esta autora defende que o fundamento filosófico da biblioterapia deve dar-se pela “identidade em movimento” ou “a identidade dinâmica” que, em linhas gerais, define a capacidade do ser humano em identificar-se com a história contada ou apenas lida.

---

<sup>5</sup> Basicamente o objeto de estudo das áreas de Biblioteconomia e Arquivologia tangem-se pela seguinte diferença: aos profissionais de Biblioteconomia (bibliotecários) cabe ministrar a informação como o seu objeto de estudo. Já para os profissionais de Arquivologia (arquivista) o objeto de estudo é o documento.

Antes de qualquer interpretação sobre o termo biblioterapia, Caldin (2001) alerta para a observação do distanciamento entre o que é biblioterapia e psicoterapia, de modo a não confundi-las. Para a primeira, o livro é o terapeuta e é um encontro entre o leitor e seu ouvinte, e a outra, é o encontro entre o próprio terapeuta e seu paciente.

Historicamente, data de 1941 o uso do termo biblioterapia pelo *Dorland's Illustrated Medical Dictionary*, no qual o define como “o emprego de livros e a leitura deles no tratamento de doença nervosa”. Eva Maria Seitz ilustra sua análise sobre o tema demonstrando que a ocorrência do termo, anos mais tarde, deu-se no *Webster's Third International Dictionary* que o definiu como “uso de material de leitura selecionado, como adjuvante terapêutico em Medicina e Psicologia” e “guia na solução de problemas pessoais através da leitura dirigida”, em 1961 (SEITZ, 2006, p. 17).

Com essa analogia, fica claro que o estado emocional, mental, espiritual e físico são indissociáveis. E é partindo desse princípio que a biblioterapia, dotada de uma visão humanista, observa o ser humano como um todo e, assim, o torna o seu objeto de estudo.

De acordo com Caldin (2010, p. 13), as produções bibliográficas no Brasil têm mostrado que a Biblioteconomia, seguida da Psicologia, são duas áreas de forte atuação na biblioterapia. Tendo em vista que cada uma das suas categorias é dirigida por uma área, a biblioterapia de desenvolvimento é realizada por bibliotecários, e a biblioterapia clínica é realizada pelos psicólogos clínicos.

Em uma pesquisa realizada por Tews (*apud* SEITZ, 2006, p. 18), alguns bibliotecários definiram biblioterapia como um programa de leitura e de atividades em grupo ou individual, que é desenvolvido por uma equipe multidisciplinar.

Caldin (2010) discorre que o processo terapêutico, por meio dos livros, é um processo onde os ouvintes se apropriam das características das personagens ficcionais e que, além de uma fuga da realidade, é a maneira de se vivenciar novas situações, e de incorporar ao seu cotidiano outra realidade mais atrativa. Em outras palavras, esse processo biblioterapêutico não é uma análise comportamental como na psicologia.

Segundo Caldin (2010, p. 112), “na biblioterapia, essa liberdade de visão, de interpretação, de elaboração de realidades, de compreensão do real, de leitura, de diálogo, é o que assegura a intersubjetividade. É ela que assegura o andamento do processo biblioterapêutico”.

Na biblioterapia, o objetivo é deixar os ouvintes à vontade para se identificarem com

qualquer personagem, o que, assim, favorece a construção da identidade da pessoa. Em continuidade, a intenção é que a leitura ou a dramatização de um texto literário tenha um efeito terapêutico ao nivelar as emoções, de forma que a imaginação de cada um ocorra de forma livre e, com isso, proporcione a reflexão pela catarse, identificação ou introspecção. (CALDIN, 2010, p. 165-166).

Para Caldin (2001), esses três pilares da biblioterapia são de fundamental importância para a aplicabilidade de seu trabalho. A catarse<sup>6</sup> possui como objetivo libertar as pessoas da realidade que as incomoda e que se mostra difícil, e é por meio da terapia que se alcança as respostas necessárias por meio da emoção. Em síntese, é por meio da catarse dos textos literários que ocorre a libertação do medo e a pacificação das emoções (CALDIN, 2001, p. 38).

Já a identificação (que ocorre inconscientemente) é compreendida como a situação em que o ouvinte, ou mesmo o narrador, se põe no lugar das personagens e vivencia, no seu imaginário, inúmeras situações através dos personagens ficcionais. Para tal, pode ser por meio da projeção (o ouvinte discerne a ligação da personagem com o seu caso) ou da introjeção (quando o ouvinte entende e educa suas emoções). (CALDIN, 2001, p. 35)

[...] a identificação (assimilação de um aspecto ou atributo de outro ocasionando a transformação total ou parcial segundo o modelo desse outro), a introjeção (passar para dentro de si, de modo fantástico, qualidades desse outro), a projeção (transferência ao outro, de idéias, sentimentos, expectativas e desejos). (LUCAS, CALDIN e SILVA, 2006, p. 402)

Para LAPLANCHE; PONTALIS (1994, p. 226), a identificação é “um processo psicológico pelo qual um sujeito assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma total ou parcialmente, segundo o modelo desse outro”. (CALDIN, 2001, p. 39)

A introspecção, para alguns, é uma percepção interior da pessoa que reflete sobre suas emoções (CALDIN, 2010, p. 117) e, já para outros, um ato determinado pela consciência. A introspecção é uma mudança comportamental que faz a pessoa se sentir melhor e conviver melhor com outras pessoas que tem influência na saúde mental. (CALDIN, 2010, p. 167).

L.H Tweffort (apud SHRODES, 1949) [...] introspecção para o crescimento emocional; melhor entendimento das emoções; verbalizar e exteriorizar os problemas; ver

---

<sup>6</sup> Definição de Catarse segundo Caldin - a catarse é a justa medida dos sentimentos, pois produz e modera – assim, as histórias que lê ou conta para a meninada têm forte apelo estético, são histórias que permitem o estranhamento, o desvio de linguagem, a ebulição e o apaziguamento das emoções. (CALDIN, 2010, p. 117).

objetivamente os problemas, afastar a sensação de isolamento, verificar falhas alheias semelhantes às suas; aferir valores; realizar movimentos criativos e estimular novos interesses. (CALDIN, 2001, p. 33)

Para a fundamentação da biblioterapia, enquanto área de especialização da biblioteconomia, faz-se necessário que a produção acadêmica sobre o assunto seja de qualidade e de relevância para a área. Do ponto de vista acadêmico, a produção ainda é discreta, mas o que existe demonstra que a biblioterapia vem ampliando o seu espaço no que tange o número de publicações relacionadas ao tema, a língua de origem dessas publicações e a fundamentação teórica que trazem para a área.

Assim sendo, diversas correntes teóricas sobre o tema vem se alinhando com o passar do tempo. De modo geral, defendem ou discordam da aplicabilidade biblioterapêutica e consolidam o termo como área de conhecimento.

### **2.3.1 Biblioterapia e as múltiplas correntes teóricas**

Simbolicamente, a biblioterapia tem, desde os primórdios da história, uma compreensão a partir do viés filosófico que o próprio termo expressava, demonstrando a relevância que essa atividade possui desde a antiguidade. “Remédios para a alma”, assim o Faraó Ramsés II anunciava na porta de sua biblioteca a importância da leitura e do livro para o ser humano. Tal fato mostra que o uso do livro, como prática terapêutica, já era compreendida nos tempos remotos do Egito. E assim, sobre essa ocorrência, Alves (1982, p. 55 *apud* SEITZ, 2006, p. 19-20) confirma o uso da leitura como objeto terapêutico na antiguidade. Em Roma, a biblioterapia é ilustrada com dizeres de estímulo à leitura e discussões sobre as obras de forma terapêutica, citadas por *Aulus Cornelius Celsus*<sup>7</sup>. E, na Idade Média, a frase “Tesouro dos remédios da alma” ornava a abadia de São Gall situada na cidade de São Galo, na Suíça. Na Grécia, os gregos intitularam suas bibliotecas como “a medicina da alma” (CRUZ, 1985, p. 13 *apud* SEITZ, 2006, p. 20).

Em análise dos vários discursos sobre onde o termo biblioterapia surgiu, sabe-se que, na América do Norte, o termo foi apresentado por volta do século XIX em um trabalho de biblioterapia como ação terapêutica (SEITZ, 2006, p. 20). Pinto (2005, p. 39) argumenta que,

---

<sup>7</sup> Enciclopedista romano que tem a vazão de seus trabalhos na área médica, responsável por importante obra do gênero, organizado da obra [\*De Medicina\*](#) reconhecida no mundo romano por sua importância.

apesar da prática ter surgido desde antigamente, o termo biblioterapia, fundamentado e formalizado, só surgiu em 1916 por Samuel McChord Crothers.

Na área acadêmica, Caroline Shrodes, foi a primeira a escrever sobre biblioterapia definindo-a como “um processo dinâmico de interação entre a personalidade do leitor e a literatura imaginativa, que pode atrair as emoções do leitor e liberá-las para o uso consciente e produtivo”. Para Shrodes, a literatura ficcional é a mais indicada na garantia de uma experiência emocional para o ouvinte (*apud* CALDIN, 2001, p. 34-35).

De acordo com Caldin (2001, p. 33-34), Shrodes chegou a essa definição por meio de citações de outros autores, dentre eles, Alice Bryan que definiu biblioterapia como “indicação de livros que auxiliem no amadurecimento pessoal e na manutenção da saúde mental”. Além disso, a biblioterapia tem o objetivo de mostrar ao ouvinte que há diversas formas de se superar seus problemas, de encarar suas próprias emoções e aceitar melhor a realidade que está vivenciando.

Para isso, a leitura não deve ser impositiva e/ou restritiva e, sim, deve ser de qualquer tipo, desde que possibilite o enfrentamento dos problemas e potencialize a busca pessoal pelo bem-estar. Da arte ou até mesmo textos científicos o resultado da biblioterapia é único – o de prover e mostrar que a realidade difícil é sustentada por formas alternativas de se contornar os obstáculos. Na seleção dos livros direcionados ao tratamento do indivíduo é preciso que se considerem as necessidades educacionais e terapêuticas do ouvinte de maneira a sintetizá-las e trabalhá-las positivamente.

Em paralelo, Tweffort (*apud* CALDIN, 2001, p. 33) conceitua que a biblioterapia surgiu como auxílio e reforço à psicoterapia por meio da leitura que busca o autoconhecimento e uma melhor relação com o próximo. Trabalhadas em unidade, o resultado é o equilíbrio da vida. Com a biblioterapia, uma gama de valores e ações positivas pode ser alcançada, nas quais se lista o crescimento pessoal e emocional, a exteriorização dos problemas, o conhecimento de nossas falhas e erros (em observância do outro), além de estimular novos interesses e vencer obstáculos.

Kenneth Appel (*apud* CALDIN, 2001, p. 34) observa que a biblioterapia se utiliza de livros, artigos e panfletos como auxiliares no tratamento psiquiátrico, pois é por uso desses materiais que o indivíduo é capaz de identificar-se de forma a liberar os seus processos inconscientes e reconhecer suas dificuldades.

Segundo Louis Gottchalk (*apud* CALDIN, 2001, p. 34), o tratamento



biblioterapêutico surgiu como um auxílio para que as pessoas pudessem se conhecer melhor, tanto psicologicamente como fisicamente, dado os momentos de frustração e de conflitos internos. Com a aplicação desse método, reforçando as palavras de Tweeffort e Kenneth Appel, o indivíduo se reconhece melhor e assim aumenta sua auto-estima. Em um grupo de biblioterapia, não é somente o indivíduo que se encontra em dificuldades, mas aqueles que partilham com ele da mesma vontade – a de conseguir a cura.

Biblioterapia pode ser tanto um processo de desenvolvimento pessoal como um processo clínico de cura, que utiliza literatura selecionada, filmes, e participantes que desenvolvem um processo de escrita criativa com discussões guiadas por um facilitador treinado com o propósito de promover a integração de sentimentos e pensamentos a fim de promover autoafirmação, autoconhecimento ou reabilitação. (MARCINKO, 1989, p. 2 *apud* FERREIRA, 2003, p. 38)

Para Ferreira (2003), biblioterapia não é apenas um processo de leitura com um tom terapêutico, mas trata-se de um processo que utiliza diversos tipos de materiais para provocar o *insight*<sup>8</sup> e a catarse por meio de grupos de discussões. Dá-se por uma troca de sentimentos, valores e ações entre as pessoas.

De acordo Ouakin (1996, p. 198), “a biblioterapia é primariamente uma filosofia existencial e uma filosofia do livro”, o que corrobora a idéia de que o homem, consciente ou inconscientemente, possui uma relação com o livro. Com essa leitura, o homem/ouvinte entende o que está escrito e, conseqüentemente, compreende a si mesmo. Na literatura as pessoas encontram uma fuga da realidade e assim trazem ao mundo real uma maneira mais simples de aceitar e entender a vida por meio da ficção.

Os primeiros trabalhos biblioterapêuticos foram realizados por médicos americanos que indicavam livros previamente selecionados para os seus pacientes internados como parte do tratamento, no período de 1802 a 1853 (SEITZ, 2006, p. 20). No entanto, somente no ano de 1904 é que a biblioterapia é reconhecida como um ramo da Biblioteconomia. E sua formalização deu-se quando uma bibliotecária que assumiu a biblioteca do Hospital Wanderley, de Massachussets, desenvolveu programas de leitura, como mostra Seitz (2006, p. 21) em seu livro.

Para Seitz (2006), a biblioterapia é um vasto campo de experiências, devido ao fato de construir uma consciência mais clara e compreensível da realidade que os indivíduos

---

<sup>8</sup> “A quarta e ultima fase é a do *insight*, quanto a evidencias de auto-reconhecimento nas situações apresentadas derivam em incorporação de novos conceitos e uma integração da maior personalidade do indivíduo (o que antes

vivenciam cotidianamente.

Estudiosos, de maneira geral, argumentam que a prática biblioterapêutica pode proporcionar várias experiências ao leitor, ajudando-o a alcançar a compreensão emocional e intelectual, oferecer oportunidade para identificação e compreensão, aumentar valores e reforçar os já existentes, pode, ainda, dissipar o isolamento, reforçar padrões culturais e comportamentais (SEITZ, 2006, p. 30).

Em paralelo, na área de Biblioteconomia hoje é discutido se os bibliotecários realmente possuem habilidades para aplicar a prática biblioterapêutica, considerando-se que, segundo alguns autores, ao bibliotecário caberia apenas a função da seleção do material, embora por outro lado, outros autores afirmem que os bibliotecários estão aptos a aplicar a biblioterapia, conforme afirma Seitz (2006, p. 31), desde que esses se capacitem para tal.

Segundo Seitz (2006), o termo biblioterapia pode ser compreendido em uma linha cronológica o que reforça a sua evolução enquanto área de conhecimento. Na década de 1930, a biblioterapia tornou-se definitivamente um campo de pesquisa. Em 1939, dentro dos hospitais americanos a *Division of the American Library Association* estabeleceu uma comissão sobre biblioterapia, o que levou definitivamente à oficialização da biblioterapia como pertencente à Biblioteconomia. Já nas décadas de 1940 a 1960, o surgimento e a pesquisa de estudos e publicações sobre o tema passam a figurar na cena acadêmica.

É também nos anos 1960, que com o advento das Ciências Sociais e do Comportamento, a utilização da leitura como terapia foi reconhecida como capaz de auxiliar nas mudanças de personalidade/comportamental do ouvinte, na Biblioteconomia. E, assim, nas décadas de 1980 e 1990 houve um aprofundamento dos estudos teóricos que, até então eram discutidos, o que levou à necessidade de se estabelecerem novas pesquisas e novos métodos de aplicação para as novas tendências.

No âmbito brasileiro, a biblioterapia se desenvolve a passos lentos, pois há muito pouca produção científica, e dos estudos realizados a maioria não é publicado, o que dificulta a aplicabilidade dessa atividade<sup>9</sup>. Modelar a biblioterapia como importante área de conhecimento

---

eram aspectos inconscientes do caráter tornando-se e integrados)." (FERREIRA, 2003, p. 41-42).

<sup>9</sup> Em oposição à escassa literatura no Brasil sobre o tema é de conhecimento dos profissionais e estudantes de Biblioteconomia que a produção de textos, em outras línguas, sobre o assunto da biblioterapia foram concebidos. Aqui se cita o texto de Martins, originalmente escrito em língua espanhola no qual é livremente traduzido aqui: "Resulta difícil hallar una única definición Del vocablo Biblioterapia [...] Es que sus Orígenes la emparentan con el alívio emocional. En un breve recorrido por la bibliografía ilustrativa de la evolución a expresarse mediante la escritura (aun antes de la era Cristiana), la lectura era considerada una herramienta de utilidad para calmar

cabe não somente aos bibliotecários, mas aos interessados dispostos a divulgarem essa nova área de atuação. Seitz (2006) discorre sobre o tema defendendo a posição de que o livro e a leitura são de suma importância para a sociedade, pois, além de um trabalho terapêutico, é um novo ramo de atuação profissional. Nas palavras da autora, “se o bibliotecário não tornar isso parte de sua profissão em breve a biblioterapia não será mais parte da Biblioteconomia”. (SEITZ, 2006, p. 32).

A negação das novas tendências, que se configuram na área da Biblioteconomia pelos profissionais, é tida como uma contradição aos preceitos da profissão, pois há muito que a atuação do bibliotecário já não se restringe ao livro. O campo de atuação do profissional vem se expandindo e a ele cabe saber reconhecer essas tendências e agregá-las ao seu histórico profissional.

### 2.3.2 Aplicabilidades biblioterapêuticas

É notório que a fase inicial das práticas terapêuticas deu-se em meio aos ambientes hospitalares e das clínicas de saúde mental. Com essa percepção é que os trabalhos focaram-se na aplicabilidade corretiva voltada para a cura e restabelecimento psicológico dos pacientes com distúrbios comportamentais e emocionais.

Ferreira (2003, p. 38) apresenta argumentos em que a biblioterapia tem seu campo de atuação ampliado e, assim, passa a ser levado a outros ambientes tais como: escolas, bibliotecas e centros comunitários, de modo multidisciplinar com profissionais de áreas afins com jovens, crianças e adultos. Esse pensamento denota que a biblioterapia é compreendida como auxílio por ser uma busca de respostas à sua realidade, de modo a confrontar os obstáculos e aplicar a concepção literária a seu cotidiano. Em paralelo, a aplicação da biblioterapia dentro desses ambientes é compreendida por Ferreira como:

[...] a Biblioterapia institucional é um tipo de auxílio aplicado em grupo ou individual e personalizado que uma empresa presta, através de uma equipe de profissionais, aos seus usuários, enfocando aspectos das doenças mentais, distúrbios de comportamento,

---

ansiedades de diversa índole.” (MARTINS, 2009, p. 84).

**Tradução livre:** Torna-se difícil de falar em uma única definição do vocábulo Biblioterapia [...] Sua origem a familiariza com um alívio emocional. Em rápido exame da bibliografia ilustrativa mostra que a leitura decorre da evolução a expressar-se mediante a escrita (ainda na Era Cristã), a leitura era considerada uma ferramenta de utilidade para acalmar as ansiedades de diversa índole/temperamento.

ajustamento e desenvolvimento pessoal, fornecendo literatura sobre o assunto. Este material é usado nas sessões, devendo ser aplicado por um conjunto de profissionais, que inclua um bibliotecário treinado e acompanhamento de profissionais de saúde ou educação, dependendo do tipo de trabalho a ser feito. O seu objetivo é prestar informação ao usuário e esclarecê-lo sobre um problema específico, ajudá-lo na tomada de decisão e reorientação de seu comportamento conforme o objetivo definido para o trabalho (MARCINKO, 1989 *apud* FERREIRA, 2003, p. 39).

Segundo a idéia partilhada por Ferreira (2003) e Marcinko (1989), a biblioterapia se mostra como um apoio literário para ajudar no desenvolvimento da pessoa. Esse apoio, por sua vez, pode ser de caráter corretivo ou preventivo, aplicado tanto individualmente como em um grupo de crianças ou adolescentes.

O uso de textos literários com função terapêutica objetiva ajudar na construção da identidade, o que assim manifesta alterações no nível psicológico da pessoa tanto conscientemente como inconscientemente. Para Caldin (2010), essas alterações psicológicas são um fomento à criatividade dos indivíduos, uma vez que são diferentes das terapias psíquicas, pois além de confrontar as realidades, perpassam por meios alternativos em como solucionar os problemas.

Por conseguinte, a autora pondera que o potencial curativo da linguagem, observada na fala compartilhada dos pensamentos, faz renascer o gosto pela leitura e pelo diálogo do texto. Em síntese, Caldin (2010) demonstra que o indivíduo não está sozinho e pode contar com o outro na busca de meios de como sanar as adversidades. Nessa etapa, as emoções devem ser externadas e compreendidas pelo ser humano, o que o livra das culpas e das dúvidas.

Em uma sessão de biblioterapia, o profissional responsável pela coordenação dos trabalhos deve ter em mente que a biblioterapia não se resume apenas à leitura de textos pura e simples, mas que esse ato deve se firmar como uma forma lúdica de entretenimento aos ouvintes e, claro, investido de funções terapêuticas. É partilhando dessa analogia que, atualmente, o ofício do contador de histórias tem se mostrado como agregador de valor ao trabalho da biblioterapia.

## 2.4 A Arte de Contar Histórias

Citada como uma das atividades mais antigas realizada por nossos ancestrais em períodos e épocas diferentes, cada qual com sua peculiaridade, muitas histórias foram passadas de geração a geração. Por vezes, os momentos da hora do conto<sup>10</sup> eram levados a sério e respeitados,

---

<sup>10</sup> **conto** *short story, tale* LIT narração ou novela em tamanho menor. (CUNHA, 2008, p. 105).

outrora por muitos considerados momentos sem valor. Independentemente disso, para a Biblioteconomia, tendo em vista o surgimento da biblioterapia, a contação de histórias<sup>11</sup> é uma corrente de grande valor para os trabalhos da biblioterapia. Para melhor exemplificar, alguns conceitos são importantes.

Destarte, na hora do conto é necessário que um ambiente propício, sem tensões e obrigações de participar se torne algo voluntário para as pessoas. Para Matos<sup>12</sup>, esse momento é um ato lúdico<sup>13</sup>, capaz de manifestar-se pela transparência, e assim ser responsável em proporcionar o cuidado com o ser humano.

O responsável pelo momento lúdico, da imersão do ouvinte na arte de contar histórias, é chamado de contador de histórias<sup>14</sup>. Esse profissional tem por objetivo apresentar, dramatizar, contar e narrar uma história<sup>15</sup>, de acordo com técnicas especializadas adquiridas por meio de cursos e especializações, pois a contação de histórias, segundo autores da área, defendem que contar uma história não é apenas a leitura do texto. Deve estar acrescida de vários elementos que a complementam. “É comum que os contadores digam que foram escolhidos pelos contos tanto quanto os escolheram.” (MATOS, 2005, p. 126).

Segundo Matos (2005), a principal prova de fogo enfrentada por um contador de histórias é aquela em que o contador, no ato da interpretação de uma história, identifique-se com o que narra, pois de acordo com o autor, quando um contador conta uma história em que não acredita, este corre o risco de ser pego em delito de mentira.

Em complementação a essa idéia, Matos e Sorsy (2009) argumentam que o que alimenta o contador de histórias em sua prática é como o público reage com aquilo que ouve, pois

<sup>11</sup> **contação de histórias** *storytelling* ARTE BIB LIT arte ou prática milenar de narração oral com apresentação dramática de contos e histórias. Sua figura central é o contador de histórias que procura encantar e transportar os ouvintes a outras realidades, desafiando o imaginário. Bastante utilizada com crianças em escolas e bibliotecas infantis, Vale-se da diversão como uma característica forte, permeando todas as ações. Divertindo, desperta o interesse pela leitura e estimula a imaginação. ↔ contador de histórias, hora do conto. (CUNHA, 2008, p. 104).

<sup>12</sup> “o contador deve-se atentar a não sobressair na história, quem deve aparecer é o conto e não o contador e desse modo segurar a atenção do ouvinte”. (MATOS, 2005, p. 105).

<sup>13</sup> **lúdica (atividade)**, brincar ou conduta de jogo. A atividade da criança pequena é essencialmente lúdica; ela satisfaz suas necessidades imediatas e a ajuda a adaptar-se à realidade, que logo precisará dominar (SILLAMY, 1998, p. 147).

<sup>14</sup> **contador** *counter* INF [...] **c. de histórias** *story-teller, storyteller* BIB EDU **1.** Pessoa que se dedica a contar histórias e, em algumas regiões do mundo – p. ex., no Oriente – ganha a vida desta forma. **2.** Nas bibliotecas infantis, há sempre alguém que se dedica á tarefa de contar histórias ↔ hora do conto, narrativa. **contista** *storyteller, teller of tales* LIT pessoa que narra ou escreve contos. (CUNHA, 2008, p. 104-105).

<sup>15</sup> Segundo Caldin esses elementos em síntese podem ser vistos assim: “O narrar, mesmo baseando-se em um texto escrito, privilegia a memorização, a gestualidade, a performance, a modulação da voz, o ritmo e a autoridade da voz.” e “O dramatizar, isto é, a arte de representar; não prescinde do texto literário.” (LUCAS, CALDIN e SILVA, 2006, p. 401).

o contador de histórias deve estar atento às nuances faciais dos ouvintes:

Através de suas expressões de espanto, de prazer, de admiração, de indignação, os ouvintes estimulam o contador, dá-se então uma troca de energia. Isso faz com que um conto, embora possa ser contado mil vezes, nunca seja o mesmo, pois os ouvintes e os momentos são diferentes (MATOS e SORSY, 2009, p. 8).

## 2.5 A Importância da Leitura

O ato de leitura<sup>16</sup> é uma prática decorrente do processo de aprendizagem na idade escolar ou em qualquer fase da vida de um ser humano. Porém, uma das realidades a que se contrapõe a acessibilidade da leitura às diversas camadas da sociedade, como um todo, é a que a leitura não é acessível a todos, dado o alto custo dos livros ou a falta de empenho do próprio Estado em prover a leitura como parte fundamental do processo de educação.

As pessoas não têm acesso à leitura, pois o livro possui custo alto, não sendo acessível à maioria da população, os problemas se agravam com maior intensidade pela educação que resulta numa grande massa de decifradores de códigos, e não de leitores críticos capazes de mudar o seu contexto embasado nas leituras e no conhecimento dos seus direitos e deveres como cidadãos (LUCAS, CALDIN e SILVA, 2006, p. 399).

Para Martins (2007), a leitura se liga diretamente a várias condicionantes como as já citadas acima e, claro, a outras, como por exemplo, as condições em que o leitor deve atribuir sentido e significado às expressões simbólicas e formais, representacionais ou não. Essas que por sua vez, dados pelo gesto, pelo som, pela imagem<sup>17</sup>.

Na concepção de grandes nomes da literatura como Proust e Sartre, para o primeiro, a leitura é um “milagre profundo de uma comunicação no seio da solidão” e, já para o segundo, “é um pacto de generosidade entre o autor e o leitor” (CALDIN, 2010, p. 63). Para Caldin, leitura é uma via de duas mãos - fenômeno e ato. Fenômeno por ser um advento espontâneo de essências (lúdicas, romanescas, poéticas, entre outras) e ato por tratar de representações capazes de nos fazer refletir nossas próprias essências. Além disso, a não compreensão imediata de uma leitura faz com que para a sua interpretação haja a necessidade de releituras do texto com que nos

<sup>16</sup> Segundo o que consta do pensamento partilhado por Lucas, Caldin e Silva, o próprio ato da leitura antes de mais nada revela o estilo do autor, pois é por meio do que ele lê que desenvolve o que anseia escrever.: “A leitura destaca o estilo do autor.” (LUCAS, CALDIN e SILVA, 2006, p. 401).

<sup>17</sup> É em função dessa associação de elementos que Martins argumenta que a leitura deve antes de tudo ser uma leitura da própria realidade, tanto individual como social.

defrontamos:

*A releitura* traz muitos benefícios, oferece subsídios consideráveis, principalmente a nível racional. Pode apontar novas direções de modo a esclarecer dúvidas, evidenciar aspectos antes despercebidos ou subestimados, apurar a consciência crítica acerca do texto, propiciar novos elementos de comparação (MARTINS, 2007, p. 85).

Os gostos literários são os mais diversos possíveis e devem ser encarados com naturalidade, tendo em vista as descobertas e valores que podem ser encontrados nas páginas de um livro, revista, periódicos ou até mesmo no meio virtual. No momento em que lemos, ou observamos as mudanças que nos cercam, estamos fazendo leituras, pois analisamos a cena, interpretamos e a optamos em como pô-la em prática em nossa vida. Por se tratar de um momento pessoal, cada leitor tem um modo de ler e interpretar para o seu cotidiano a informação adquirida. Nas palavras de Martins “cada um precisa buscar o *seu* jeito de ler e aprimorá-lo para a leitura se tornar cada vez mais gratificante” (MARTINS, 2007, p. 85).

Do que se compreende como leitura para o meio acadêmico, a leitura pode ser analisada em três níveis de compreensão: *sensorial*, *emocional* e *racional*. Esses níveis, segundo o que se sabe, se complementam e configuram de acordo com a aproximação do leitor para com o que absorve do ato da leitura:

Três níveis básicos de leitura, os quais são possíveis de visualizar como níveis *sensorial*, *emocional* e *racional*. Cada um desses três níveis corresponde a um modo de aproximação ao objeto lido. Como a leitura é dinâmica e circunstanciada, *esses três níveis são inter-relacionados, senão simultâneos, mesmo sendo um ou outro privilegiado*, segundo a experiência, expectativas, necessidades e interesses do leitor e das condições do contexto geral em que se insere (MARTINS, 2007, p. 36-37).

A leitura sensorial, de acordo com o pensamento de Martins, dá-se pela resposta imediata às exigências e ofertas que o mundo em que vivemos nos apresenta. Ou seja, a percepção de mundo associada à leitura é, *a priori*, estimulada pela noção de mundo que possuímos<sup>18</sup>. Segundo o autor, a leitura nos acompanha durante toda a vida e é iniciada desde

---

<sup>18</sup> Associada ao que temos de elementar, a sensibilidade humana para com o mundo, segundo Martins, os sentidos são um complemento a toda a simbologia intrínseca ao ato de ler. Segundo Martins essa idéia é sintetizada segundo os dois apontamentos: “A visão, o tato, a audição, o olfato e o gosto podem ser apontados como os referenciais mais elementares do ato de ler.” (MARTINS, 2007, p. 40) e “O chamado distanciamento crítico, característico da leitura racional sem dúvida induz a disposição sensorial e o envolvimento emocional a cederem espaço à prontidão para o questionamento.” (MARTINS, 2007, p. 70).

cedo. É por meio dela que nos revelamos a nós mesmos. No segundo nível, o emocional<sup>19</sup>, é que se encontram os meios pelos quais conseguimos externar nossas emoções de modo que “a leitura transforma-se, então, numa espécie de válvula de escape” (MARTINS, 2007, p. 58-59). De acordo com Martins, é por meio de canais como rádio, televisão, música e outros que esse ato se manifesta.

Na leitura emocional emerge a empatia, tendência de sentir o que se sentiria caso estivéssemos na situação e circunstâncias experimentadas por outro, isto é, na pele de outra pessoa, ou mesmo de um animal, de um objeto, de uma personagem de ficção. Caracteriza-se, pois, um processo de participação afetiva numa realidade alheia, fora de nós. Implica necessariamente disponibilidade, ou seja, predisposição para aceitar o que vem do mundo exterior, mesmo se depois venhamos a rechaçá-lo. E através dessa leitura vamo-nos revelando também para nós mesmos (MARTINS, 2007, p. 51-52).

Por último, e não menos importante, a leitura racional<sup>20</sup>, independentemente do nível intelectual que aqui se agrega é capaz de entreter e propiciar momentos de descontração, pois a leitura deve ser encarada como um ato espontâneo e não impositivo. Segundo a condicionante da leitura, o hábito de ler é moldado por normas preestabelecidas, dentre as quais a solidão ou o isolamento para a imersão no texto se mostra como elemento ímpar ao ato de ler<sup>21</sup>.

Acredita-se que uma leitura unívoca é impossível de ser feita, pois, segundo Martins (2007), a condição humana de inter-relacionar – sensação, emoção e razão – é intrínseca ao ser humano, desde a sua busca pessoal pelo sentido como ser humano, ou de sua perspectiva de mundo. Intercaladas, sabe-se que a leitura emocional é a mais mediatizada, devido ao fato de inclinar-se pelo passado. Ao contrário da leitura racional que se apresenta prospectiva, capaz de transformações do próprio pensamento e do texto lido.

Em síntese, a leitura racional acrescenta à sensorial e à emocional o fato de estabelecer uma ponte entre o leitor e o conhecimento, a reflexão, a reordenação do mundo objetivo, possibilitando-lhe, no ato de ler, atribuir significado ao texto e questionar tanto a própria individualidade como o universo das relações sociais (MARTINS, 2007, p. 66).

<sup>19</sup> “Na leitura emocional o leitor se deixa envolver pelos sentimentos que o texto lhe desperta. Sua atitude é opiniática, tende ao irracional. Contam aí os critérios do gosto: gosta ou não do que lê por motivos muito pessoais ou por características textuais que nem sempre consegue definir.” (MARTINS, 2007, p. 71).

<sup>20</sup> Segundo Martins, na leitura racional, o leitor objetiva compreendê-lo, o que assim o faz dialogar com o texto tendo em vista a todas as indagações que extraí de seu momento de leitura.

<sup>21</sup> “A leitura a esse nível intelectual enfatiza, pois, o intelectualismo, doutrina que afirma a preeminência e anterioridade dos fenômenos intelectuais sobre os sentimentos e a vontade. Tende a ser unívoca; o leitor se debruça sobre o texto, pretende vê-lo isolado do contexto e sem envolvimento pessoal, orientando-se por certas normas preestabelecidas. Isto é: ele endossa um modo de ler preexistente, condicionado por uma ideologia.” (MARTINS, 2007, p. 63-64).



Atrelada a essa gama de pensamentos, a prática biblioterapêutica na qual os livros representam a cura do indivíduo, apresenta-se o bibliodiagnóstico<sup>22</sup>, que significa aquele em que as necessidades do indivíduo, quando se encontra hospitalizado, são identificadas por processos de exposição de suas emoções no momento em que por meio dos grupos de trabalho o indivíduo passa a interagir com o grupo e, assim, dividir seus medos e desejos. Emoções essas que, para Caldin, são tidas como “uma resposta do ser aos acontecimentos provocativos, uma reação causada por surpresa, alegria ou medo” (CALDIN, 2010, p. 102).

Comentários feitos a respeito do texto ajudam o estabelecimento da comunicação, levando o indivíduo a falar sobre o que leu e, gradativamente, expressar-se sobre si próprio, fazendo comparações, ou divagando (RATTON, 1975, p. 209).

Segundo Caldin (2010), para que a leitura aja como um tratamento é necessário que a mesma seja alvo de aprovação do leitor, pois jamais deve ser impositiva; o que nos leva a crer que a liberdade do leitor deve ser sempre respeitada, o que assim reforça a prática biblioterapêutica que a leitura possibilita<sup>23</sup>.

Para Caldin (2010), a via literária suscita além do prazer estético, a função terapêutica que as histórias e narração de histórias infantis possam ter. De forma ilustrativa Bettelheim é defensor do seguinte argumento:

O conto de fada é terapêutico porque o paciente encontra suas próprias soluções, por meio da contemplação daquilo que a história parece sugerir acerca de sair de seus conflitos íntimos nesse momento de sua vida (BETTELHEIM, 2007, p. 36).

Para Lucas, Caldin e Silva (2006), no ato da seleção de um texto, seja ele direcionado a ser lido, contado ou dramatizado, ainda que um texto seja dotado de funções estéticas, cada texto deve admitir múltiplos significados e sentidos, pois assim será um texto de prazer. O que

<sup>22</sup> Na prática hospitalar em que Eva Maria Seitz realizou grande parte de seu trabalho em Biblioterapia: um cuidado com o ser, a autora argumenta que a leitura “ocorreu quase sempre de forma corretiva e voltada para aspectos clínicos de cura e recuperação de indivíduos com graves distúrbios emocionais e comportamentais.” (SEITZ, 2006, p. 18). Em outras palavras, o bibliodiagnóstico deriva da busca pela cura associado ao poder curativo do livro enquanto instrumento de terapia.

<sup>23</sup> Em complementação a concepção de Caldin sobre o processo terapêutico que o livro apresenta, Seitz adiciona a essa discussão a seguinte mensagem: “o livro que salva, que cura, que funciona como terapeuta, é disso que trata o livro que Eva nos convida a ler. Tarefa árdua essa, a de falar sobre algo invisível, inacessível, misterioso, que cura sem ser remédio para o corpo, ou talvez, por isso mesmo cure, por se remeter direto à alma.” (SEITZ, 2006, p. 10-11).

dessa maneira, produz a fruição e, assim, que contemple, pelo menos, um dos componentes biblioterapêuticos<sup>24</sup>.

Dentre todos os argumentos em que defendem a leitura como prática terapêutica ou apenas como forma de aprendizagem e entretenimento, Ratton (1975) sintetiza um número de benefícios que condensam o pensamento real do que a leitura representa na vida das pessoas, e assim o autor elenca entre elementos positivos o seguinte:

- a) Possibilidade de se conhecer e sentir experiências em segurança (sem a necessidade de se passar por elas);
- b) Compreensão dos problemas sociais de épocas diferentes, levando a mais fácil adaptação;
- c) Superação da uniformidade do ambiente ao qual pertence à pessoa, o que é importante para a diversificação de interesses, criando condições de liberdade de escolha;
- d) Transposição sem mobilidade no espaço para ambientes diferentes;
- e) Amplitude da visão, pelo conhecimento e comparação de pontos de vista alheios, com os do próprio indivíduo;
- f) Aumento da auto-estima e conseqüente diminuição da timidez, pela superação dos sentimentos de culpa, de ser diferente e de inferioridade, desde que se possa constatar que os problemas humanos são universais;
- g) Clareamento dos problemas difíceis de serem formulados e conscientizados pelo próprio indivíduo, que, entretanto os reconhece quando colocados por outros de maneira não agressiva e impessoal;
- h) Desenvolvimento de atitudes sociais desejáveis e escolha de valores facilitados pela identificação com personagens de livros adequados;
- i) Estímulo para criatividade;
- j) Ampliação da possibilidade de comunicação pelo enriquecimento do vocabulário, conhecimento de formas de expressão e aquisição de novas idéias;
- k) Facilitação da participação na vida comunitária, sobre tudo pela leitura de jornais e revistas da atualidade;
- l) Satisfação de necessidades estéticas, intelectuais e emocionais, fazendo decrescer a frustração e ansiedade;
- m) Aquisição de conhecimentos necessários ao desempenho de funções tanto na vida diária como profissional;
- n) Desenvolvimento da capacidade de crítica, pela obtenção de grande número de informações diversificadas e às vezes contraditórias (RATTON, 1975, p. 200-202).

## 2.5.1 O universo fantástico da leitura

Dentre os gêneros mais fantásticos que encantam as crianças situa-se, sem sombra

---

<sup>24</sup> “O efeito biblioterapêutico sob as crianças nos leitos dos hospitais, segundo os autores é um conforto a sua condição enquanto paciente: Essas atividades também permitem proporcionar às crianças momentos de descontração e lazer; oferecendo práticas que estimulem a criatividade, oferecendo meios que amenizam os efeitos causados pelo afastamento prolongado da família.” (LUCAS, CALDIN e SILVA, 2006, p. 414).

de dúvida, o conto de fadas<sup>25</sup>, representado massivamente pelos clássicos da Disney (AKA Walt Disney World), criada em 1923 pelos irmãos Walt Disney e Roy Disney e outros distribuidores de clássicos infantis. Citando Caldin (2010), a literatura infantil é fruto da cultura oral, a qual se legitima na escrita e constrói sua teoria. Segundo esta autora, a maioria da produção editorial voltada às crianças caracteriza-se pela quantidade de exemplares de contos maravilhosos, que tem suas raízes nos contos populares do folclore oral e que recebem vasta divulgação, tendo em vista o processo de traduções ou de adaptações. Em síntese, isso nos leva a crer que o mercado editorial infantil é repleto de novos exemplares incessantemente.

O encantamento dos contos de fadas para as crianças é imediato devido ao fato de que as crianças têm mais disponibilidade que os adultos e acreditam na fantasia, magia e história apresentada. Para Martins (2007), a criança é mais espontânea e receptiva e, assim, tudo que lhe é novo e desconhecido é um atrativo à sua rápida adesão aos contos<sup>26</sup>.

Em adição a essa idéia, Bettelheim (2007) afirma que o ato de um adulto narrar uma história a uma criança é uma atividade enriquecedora para a experiência da criança, pois segundo o autor “acarreta uma afirmação da personalidade desta última por intermédio de uma determinada experiência compartilhada com outro ser humano que, embora adulto, pode apreciar integralmente os sentimentos e as reações da criança.” (BETTELHEIM, 2007, p. 219).

Explorando esse poder de encantamento e magia o autor de “Psicanálise dos contos de fadas”, Bruno Bettelheim (2007), discorre com afinco sobre o tema, de modo a captar dessas obras o teor psicológico que elas possuem e a sua real influência no comportamento das crianças<sup>27</sup>. Para este autor, o conto de fadas decorre, a princípio, da sensibilidade em que o narrador possui quanto ao conto de fadas, pois é assim que ele consegue despertar curiosidade ou

<sup>25</sup> **contos de fada** *fairy tales* LIT contos infantis, que incluem histórias sobre fadas e outros seres mágicos ↔ histórias da carochinha. (CUNHA, 2008, p. 105).

<sup>26</sup> “Para que uma história realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar a sua curiosidade. Contudo, para enriquecer a sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar em harmonia com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam. Resumindo, deve relacionar-se simultaneamente com todos os aspectos de sua personalidade – e isso sem nunca menosprezar a seriedade de suas dificuldades, mas, ao contrário, dando-lhe total crédito e, a um só tempo, promovendo a confiança da criança em si mesma e em seu futuro.” (BETTELHEIM, 2007, p. 11).

<sup>27</sup> “Os contos de fadas, diferentemente de qualquer outra forma de literatura, direcionam a criança para a descoberta de sua identidade e vocação, e também sugerem as experiências que são necessárias para desenvolver ainda mais o seu caráter. Os contos de fadas dão a entender que uma vida compensadora e boa está ao alcance da pessoa apesar da adversidade – mas apenas se ela não se intimidar com as lutas arriscadas sem as quais nunca se adquire a verdadeira identidade.” (BETTELHEIM, 2007, p. 35).

ser apreciado. Para Caldin (2010), o universo ficcional da literatura é inegável e uma característica típica de sua narrativa.

[...] o conto de fadas é sugestivo; suas mensagens podem trazer implícitas soluções, mas ele nunca as soletra. Os contos de fadas deixam para a própria fantasia da criança a decisão de se e como aplicar a si própria aquilo que a história revela sobre a vida e a natureza humanas (BETTELHEIM, 2007, p. 67).

Bettelheim (2007) defende que é por meio das personagens e dos elementos mágicos, presentes nos contos de fadas, que ocorre a identificação imediata da criança com o conto narrado, pois a criança é capaz de fazer uma leitura direta da história e/ou mensagem que o conto de fadas quer lhe passar.

É característico dos contos de fadas colocar um dilema existencial de maneira breve e incisiva. Isso permite à criança aprender o problema em sua forma essencial, enquanto que uma trama mais complexa confundirá as coisas para ela. O conto de fadas simplifica a todas as situações. Suas personagens são esboçadas claramente; e detalhes, exceto quando muito importantes, são eliminados. Todas as personagens são típicas em lugar de únicas (BETTELHEIM, 2007, p. 16).

A exploração da fantasia e dos elementos mágicos, segundo Bettelheim (2007), é fundamental devido ao fato de despertar o interesse do leitor e aguçar, consequentemente, sua criatividade. É por esses e outros motivos que o conto de fadas deve se mostrar como uma descoberta pessoal, de modo que os contos, segundo o que defende Bettelheim, jamais devem ser explicados às crianças.

Nunca se deve “explicar” à criança os significados dos contos de fadas. Todavia, é importante a compreensão, por parte do narrador, da mensagem do conto de fadas para a mente pré-consciente da criança. A compreensão por parte do narrador dos vários níveis de significado do conto facilita à criança extrair pistas da história para o melhor entendimento de si própria. Ela favorece a sensibilidade do adulto para a seleção daquelas histórias que são mais apropriadas ao estado de desenvolvimento da criança e às dificuldades psicológicas específicas com que ela se defronta no momento (BETTELHEIM, 2007, p. 218).

É na identificação da criança com as personagens e elementos dos contos de fadas que seus conflitos íntimos são observados, de forma sutil, levando-nos a construir meios de como solucioná-los, pois o conto de fadas, segundo Bettelheim é “despretensioso; nenhuma solicitação é feita ao ouvinte. Isso impede que até a menor das crianças se sinta compelida a agir de maneiras

específicas, e ela nunca é levada a se sentir inferior” (BETTELHEIM, 2007, p. 37). Em oposição aos elementos positivos que os contos de fadas desenvolvem na vida das crianças, na mesma literatura Bettelheim analisa os contras a esse tipo de prática:

É bem verdade que, num nível manifesto, os contos de fadas pouco ensinam sobre as condições específicas da vida na moderna sociedade de massa; eles foram inventados muito antes do seu surgimento. No entanto, por meio deles pode-se aprender mais sobre os problemas íntimos dos seres humanos e sobre as soluções corretas para suas dificuldades em qualquer sociedade do que com qualquer outro tipo de história compreensível por uma criança. Como a criança está exposta a cada momento à sociedade em que vive, certamente aprenderá a enfrentar suas condições, desde que seus recursos íntimos lhe possibilitem fazê-lo (BETTELHEIM, 2007, p. 11-12).

Em termos moralísticos, os contos de fadas, são preenchidos de ensinamentos básicos a boa convivência e formação do caráter da criança diante o seu convívio com outras crianças. Não que seja o único formador de caráter, mas serve como alusão ao discernimento entre o bem e o mal.

A questão nesses contos não é a moralidade, mas sim a certeza de que uma pessoa pode ter sucesso. O encarar-se a vida seja acreditando na possibilidade de vencer suas dificuldades, seja na expectativa da derrota, é também um problema existencial muito importante (BETTELHEIM, 2007, p. 18).

De acordo com Ratton (1975), a leitura dirigida pode ser efetuada antes mesmo do estágio da alfabetização, pois é por meio dele que as condições preparatórias ao hábito de leitura serão descobertas e com isso as crianças iniciam o seu apreço pelo hábito de ler. O mesmo autor defende que é por meio da leitura que a criança compreende as fases:

Sensações de inferioridade, provocadas pelo sentimento de culpa, e a timidez, diminuem quando o paciente constata, por intermédio do material escrito que todos os seres humanos são semelhantes e têm problemas da mesma natureza. Essa constatação facilita o alívio das tensões e contribui para o abandono de esquemas de defesa, tornando o indivíduo mais produtivo (RATTON, 1975, p. 210).

Ao que se sabe na literatura infantil é comum que elementos como a arte, expressão, comunicação, e fantasia<sup>28</sup> sejam trabalhados de modo dissipado nos textos, o que torna

<sup>28</sup> Para J.A Marvasti (1998) *apud* GUTFREIND, a metáfora inserida na fantasia que um conto carrega em sua essência é um “acesso direto ao inconsciente, além da sua capacidade de cativar a imaginação da criança. Outros autores, tais como Miller e Boe (1990), desenvolveram o mesmo ponto. Se o recurso à metáfora pode ser considerado como uma consequência significativa de um trabalho em torno do conto, a metáfora também pode

a forma lúdica de aprendizagem cativante e assim conteúdos reais sejam internalizados pelas crianças de maneira mais prazerosa. Segundo Caldin, a ficção e a presença de personagens ficcionais é a peça-chave a condução da narrativa “... a presença das personagens ficcionais, sujeitos da ação, é peça-chave na narrativa, pois é por meio delas que se desenvolve o processo de identificação no trabalho biblioterapêutico”. (CALDIN, 2010, p. 100).

Paralelamente, segundo Bettelheim (2007), a modernidade e o tradicionalismo, típico dos contos de fadas devem ser confrontados de acordo com suas diferenças. Para Bettelheim (2007), os contos modernos carecem de elementos fortes a sua compreensão enquanto conto, pois essa ausência demonstra a sua insuficiência em prover os elementos necessários a um bom conto:

As insuficiências das histórias de fadas modernas fazem ressaltar os elementos que são mais duradouros nos contos de fadas tradicionais. Tolkien descreve as facetas necessárias a um bom conto de fadas, tais como fantasia, recuperação, escape e consolo – recuperação de um desespero profundo, escape de algum grande perigo, mas, acima de tudo, consolo. Falando do final feliz, Tolkien frisa que todas as histórias de fadas completas devem tê-lo (BETTELHEIM, 2007, p. 203).

Em suma, independentemente de uma leitura ser apresentada a uma criança por meio de um conto, deve se ter em mente que uma das premissas da literatura é despertar no indivíduo os gêneros que mais lhe atraiam o que, assim, garante a espontaneidade e o direito de escolha quanto ao que mais lhe agrada. A leitura deve ser uma espécie de encontro com um universo escondido no qual por meio das letras se encontram o conhecimento, a diversão e, conseqüentemente, respostas aos seus problemas pessoais. Saber lidar com as emoções, portanto, não é incluí-las apenas com a leitura, mas que por meio desta se consiga interagir e saber conviver com as diferenças e somar as similaridades.

Essa é exatamente a mensagem que os contos de fadas transmitem à criança de forma variada: que uma luta contra dificuldades graves na vida é inevitável, é parte intrínseca da existência humana – mas que, se a pessoa não se intimida e se defronta resolutamente com as provações inesperadas e muitas vezes injustas, dominará todos os obstáculos e ao fim emergirá vitoriosa (BETTELHEIM, 2007, p. 15).

---

ser a causa do êxito do conto como instrumento na criança, pela possibilidade que ela (presente nos contos) oferece de utilizar seu lado lúdico em um trabalho psíquico (GARDNER, 1971).” (GUTFREIND, 2003, p. 189).

## 2.6 O Trabalho do Contador de Histórias

De acordo com Matos e Sorsy (2009, p. 57), “A arte de contar envolve três elementos: o contador, o ouvinte e o conto”. E, para Gutfreind, “Uma história pode ser assustadora, ou mesmo terrível, porém no conto deixam de ser” (GUTFREIND, 2003, p. 147).

No conto, o esqueleto é a base essencial para manter o sentido da história. Sendo que toda e qualquer alteração na estrutura gera uma mudança na mensagem a que se quer passar (MATOS e SORSY, 2009, p. 18-19). É nos movimentos, nos gestos, no ritmo e na entonação da voz e, principalmente, com o contato visual que se estabelece entre o contador e os ouvintes, que o conto ganha vida. Matos e Sorsy (2009) mostram que, com isso, o contador faz com que o “sangue”, os “músculos”, o “coração” e a “respiração” se façam presentes.

Os músculos recobrem o esqueleto (trama) que significam que são as imagens que vão desenvolver a trama. O coração é justamente a intenção que está dentro dos contos, que motiva toda história. E o sangue e a respiração são as intenções que fazem a contação dos contos se desenvolver (MATOS e SORSY, 2009, p. 20).

Ao se contar uma história, é de fundamental importância que o contador saiba como se comportar diante do seu público, para que assim, sua voz seja projetada da melhor maneira possível e consiga arrancar do mesmo, reações múltiplas. Matos e Sorsy compreendem essa atividade de acordo com a seguinte visão: [...] “no conto é através do tom da voz, da linguagem corporal, dos gestos, das pausas, do ritmo... que o contador faz com que o ‘sangue’ circule e a ‘respiração’ se faça presente na trama”. (MATOS e SORSY, 2009, p. 20).

Agora é escolher, entre todas as palavras, aquelas que têm maior força para transmitir os significados. Aquelas que têm o melhor ritmo e a mais bela sonoridade. Aqui, a voz é essencial. Entonação, inflexão e ritmo darão vida à narrativa. Mas não se pode esquecer que a palavra do contador não é apenas falada; ela é mostrada pelo corpo, pelo rosto, em cada gesto. Todo o corpo deve estar em sintonia com cada palavra proferida. Deve haver concordância entre o que se fala com a boca e o que se fala com o corpo (MATOS e SORSY, 2009, p. 35).

Como um capitão de um barco o contador deve apenas conduzir os ouvintes para o imaginário não deve enfeitar demais os contos, deve dar a intenção de algumas imagens e com isso o ouvinte é livre para imaginar o que quiser. Um bom contador é aquele que se dispõe em narrar a história e é aquele que dá a intenção a história e, com isso, move a contação. (MACHADO, 2004, p. 70).

A contação de histórias é dividida em três partes: o aquecimento<sup>29</sup>, a própria contação e uma atividade de encerramento<sup>30</sup>. O riso é muito importante em uma contação de histórias, pois é por meio dele que ocorre a catarse<sup>31</sup>. Por meio do conto, o ouvinte é livre para rir do que quiser sem medo de represálias e não é só isso, pode rir até de si mesmo, de suas limitações e, assim, pode crescer mais certo de si e do mundo.

O conto deve ser apresentado em qualquer idade, sendo o riso importante em todas as fases, até mesmo para as crianças pequenas, o que se deve tomar cuidado é como saber lidar com a distinção de interesses de cada idade particularmente. Como, por exemplo, para as crianças mais novas o ideal são os contos curtos e com objetos concretos do seu dia a dia. Já os contos para as crianças com idade escolar, o ideal são os contos que estimulam a memorização, que sejam simples e que ensinem a contar, por exemplo. A boa dramatização, a mímica, as repetições, onomatopéias, as ritmas são excelentes para contação com crianças. (MATOS e SORSY, 2009, p. 40-41 e 122).

A arte do contador está na habilidade em manejar a palavra, imprimindo-lhe emoção, ritmo, entonação, energia; Entremeando-a com silêncios, dando-lhe força ou suavidade. A palavra do contador deve maravilhar, emocionar, distrair, divertir e instruir. O contador deve dar provas de eloquência, de cultura, de inteligência e imaginação. Sua arte não consiste em contar textos inéditos, em apresentar um assunto novo. Manifesta-se na maneira inédita de narrar os relatos antigos (MATOS e SORSY, 2009, p. 140).

Como evidenciam Matos e Sorsy e Machado, não importa o estilo do contador, o que vale é ele conseguir chamar a atenção dos ouvintes, fazer com que os ouvintes reflitam, se emocionem e se divirtam<sup>32</sup>. Não basta apenas decorar a história e querer contá-la de qualquer maneira da forma que ela é, é preciso que o contador deixe que a história o deixe levar, que ele escute seus ouvintes durante a construção do conto. E não se deve criar expectativas de como

<sup>29</sup> É onde o contador introduz todos os ouvintes para o mundo imaginário, além da realidade. Pode ser com uma brincadeira, com música ou mesmo um gesto ou uma frase.

“O principal objetivo do aquecimento é catalisar a atenção em torno da palavra do contador, criando uma atmosfera de unidade no grupo. Fazer com que a atenção se mantenha durante todo o tempo da apresentação é requisito importante da arte de contar histórias.” (MATOS e SORSY, 2009, p. 57).

<sup>30</sup> Segundo Matos e Sorsy (2009), o encerramento é uma atividade para encerrar a seção ou mesmo para separar uma contação da outra, que pode ser uma brincadeira, uma canção e com isso novamente prende a atenção dos ouvintes com o contador.

<sup>31</sup> Libertação dos sentimentos negativos.

<sup>32</sup> “O contador de histórias não pode ter a expectativa de “silêncio absoluto”, ou querer antes de mais nada “contar a história até o fim”, do modo como a preparou, “custe o que custar”. Estar presente no instante da narração é dialogar com o que surgir, sem ter sido previsto, revertendo os acontecimentos a favor da história.” (MACHADO, 2004, p. 81).



será, de que irá encerrar da forma que se deseja. O conto surge com os ouvintes. Em complemento, Machado (2004) discorre o seguinte:

A cadência é o ritmo, a respiração do contador de histórias, em consonância com a “respiração” da história. Para poder acompanhar a cadência da história, é necessária uma disposição interna do contador, para deixar-se levar pela respiração, pela cadência, pelo fluxo da narrativa, modulando a voz, o gesto e o olhar, de acordo com os diferentes “climas expressivos” que o conto propõe (MACHADO, 2004, p. 71).

De acordo com Machado e Matos e Sorsy, é fundamental o contador não deixar que a história se torne monótona, que perca a atenção dos ouvintes. Por isso é essencial que ao contar o conto, o ritmo da narração mude de acordo com a trama, a entonação da voz mude de acordo com cada personagem e com a trama, respeitando as pausas no decorrer da história.

A intenção é o que move e dá sentido à experiência de contar histórias. O ritmo é que dá vida e verdade pessoal a essa experiência. A técnica é o domínio do instrumental que permite a atualização e do ritmo, combinando recursos internos e externos. De nada adianta a intenção, se a pessoa não souber se deixar conduzir pela história. É preciso conhecer a história para compreender como determinada história pede para ser contada. E para poder contá-la do modo que ela pede, é necessário conhecer diferentes formas e recursos possíveis de serem escolhidos dentro de um repertório. Então a técnica é a escolha de um determinado modo de contar, a partir de uma intenção, e levando em consideração, além dos recursos internos, outros tipos de recursos que possam ser descobertos pelo contador de histórias (MACHADO, 2004, p. 74).

Segundo Machado (2004, p. 76-77), é fundamental o contador estudar o conto antes de narrá-lo; deve-se estudar a sua estrutura, os personagens, os climas, além de pesquisar informações sobre como contar exatamente aquela história. E não há necessidade de muitos objetos de auxílio na contação; o importante é o conto em si e não desviar a atenção das pessoas com os objetos cênicos, o que ocorre facilmente com crianças. Caldin (2004, p. 85) encerra: “É dessa forma que a leitura ou a contação de histórias se configura como um enfrentamento a todas as contingências da vida.”. A catarse<sup>33</sup>, além da visão filosófica, pode também ser observada em

---

<sup>33</sup> Na concepção do filósofo grego Aristóteles, a Catarse é a purificação da alma do Homem ilustrada pela representação trágica. A tragédia, derivado da poética dramática, usual no teatro grego consiste na reprodução de ações nobres, pelo ator em cena, o qual imita no palco as desventuras dos heróis trágicos que, em virtude de suas más escolhas, acabam por vivenciar a felicidade e a infelicidade. Segundo Aristóteles, a tragédia está ligada a práticas religiosas e a rituais realizados em honra ao culto de Dionísio, deus do vinho, da embriaguez, da loucura. Na concepção de Caldin por catarse compreende-se: “catarse por meio dos textos literários – uma “alegria serena” de que fala Aristóteles (1996) – advém da leitura de narrativas que transformam em fruição a piedade e o temor.” (CALDIN, 2001, p. 38), “catarse pode ser entendida como pacificação, serenidade e alívio das emoções. É nessa perspectiva que se enfoca a leitura de textos literários como desempenhando uma função catártica.”

via da Psicanálise. Para Sigmund Freud, a catarse seria uma expressão simbólica e poética da poesia dramática greco-romana, uma vez que, na análise dos experimentos de seu mestre Breuer, notava a catarse por meio da hipnose que os pacientes eram submetidos.

O experimento tinha como fundamento o contorno às censuras estabelecidas pelo superego, para dotar os pacientes com a possibilidade de confrontar seus traumas e, assim, superá-los. Ao longo dos tempos, Freud substituiu esta prática pela livre associação de idéias, denominada por ele como a ‘cura pela palavra’.

Segundo Machado (2004), o bom contador de histórias é aquele que dotado de conhecimento e técnicas capazes em narrar uma história, seja hábil em seu ritmo, que possua boa presença no ato de contar histórias e que, acima de tudo, se disponha a ser o porta-voz de um tesouro. Tesouro esse, que encanta e aproxima o ouvinte da história a que apresenta<sup>34</sup>.

Independentemente do estilo, o bom contador é aquele que nos emociona, nos faz refletir, nos diverte, sabe plantar em nosso coração a semente dos sonhos. Para que isso aconteça, mais importante que qualquer recurso cênico é construir a narrativa a partir da “atmosfera” do auditório, sentindo-lhe o pulso a cada imagem que lhe é entregue. O conto é, antes de tudo, a arte da relação que se estabelece entre o contador e seus ouvintes. O grande mérito dos bons contadores está em seu talento para criar, em torno da palavra do conto, um ambiente de fraternidade que possa apagar as linhas que separam as gerações, as raças e as culturas (MATOS e SORSY, 2009, p. 140).

### **2.6.1 Biblioterapia e o ofício do contador de histórias**

Segundo Caldin (2010), a leitura de textos literários exerce a função terapêutica, pois auxilia na pacificação dos sentimentos/das emoções, é uma leitura curativa que proporciona aos seus ouvintes e contadores ficarem calmos/tranquilos.

Para Prado e Fazano (2004, p. 250), “a literatura vai muito além das obras e pode ser definida de acordo com Candido (1972, p. 804) como algo que o homem exprime e depois atua em sua própria formação”.

De acordo com Diatkine, citado por Prado e Fazano (2004, p. 251), toda criança se desenvolve “ouvindo essas histórias, ou lendo-as, as crianças criam um espaço em sua cabeça para um mundo mágico literalmente fabuloso” e, com isso, aprenderão a resolver seus conflitos e superar situações desagradáveis. Dessa Forma, se tornará um adulto mais confiante capaz de lidar

---

(CALDIN, 2001, p. 38) e “catarse aristotélica, ou seja, à justa medida dos sentimentos.” (CALDIN, 2004, p. 75).

<sup>34</sup> “Servir fielmente à história é ter a possibilidade de deixar-se levar por ela, permitindo que a história guie a voz, o gesto, o olhar, a cadência da narração.” (MACHADO, 2004, p. 70).

com as situações adversas.

Além disso, é uma forma de enriquecer o imaginário das crianças, porém, para que isso aconteça, é importante diferenciar leitura de aprendizado escolar. É preciso que seja um momento lúdico e de prazer e não mais uma obrigação.

Ressaltamos ainda que, através da leitura oral, a criança aprende: a ser cooperativa; a sonhar; a brincar; a sorrir; a ouvir e a falar com seus colegas e professores; a ser igual às outras, o que consideramos de fundamental importância para o fortalecimento da auto-estima. Porém, para a concretização desses objetivos, é necessário que os docentes estejam despidos de preconceitos e que saibam relacionar-se com seus alunos (PRADO e FAZANO, 2004, p. 251).

Para Diatkine (1993, p. 7-9)<sup>35</sup>, a leitura de um conto para as crianças serve para capacitá-las de condições de se tornarem adultos mais seguros e que aprendam a reconhecer seus medos e angústias. Não que necessariamente só o façam por meio do conto, mas é na fase infantil que aguçar o imaginário da criança fomenta a sua criatividade tendo em vista que as crianças se enriquecem muito com as narrativas do tipo: começo, meio e fim.

## 2.6.2 Fundamentos do ofício de contar histórias

Os fundamentos básicos do ofício de contador de histórias faz com que tanto os ouvintes como os contadores passem pela catarse, identificação, introspecção e, por último, o *insight*<sup>36</sup>.

Matos defende que “a arte dos contadores de histórias poderá contribuir em muito com a prática dos professores, num modelo futuro de educação” (2005, p. 142), o que se extrai desse pensamento é que ao longo dos anos o ofício de contar histórias poderá ser ligado aos

<sup>35</sup> “A leitura não deve ser encarada como aprendizado escolar. Ler um conto é uma brincadeira que deve ser repartida com prazer. Contar histórias e lê-las deve ser uma brincadeira. Caso contrário, será uma atividade chata para crianças, pais e educadores. Tomados esses cuidados, a criança, a partir dos dez meses de idade, já está pronta para ouvir histórias” (DIATKINE, 1993, p. 7-9).

<sup>36</sup> Ferreira em sua análise dos elementos do ofício de um contador de histórias partilha da analogia de outros autores e de forma resumida apresenta tais elementos conforme o seguinte pensamento: “a identificação seria a primeira fase com a expressão das impressões sobre o personagem, seguida de agrado ou desagrado com as opiniões e o comportamento do personagem. A segunda fase do processo seria a de projeção (consciente e inconsciente) dos seus motivos pessoais (do indivíduo) na trama representada pelos personagens. (...) A terceira fase se caracteriza por evidências de um processo emocional de identificação (Abreação e catarse) com atitudes como culpa, ansiedade, tensão, expressão da raiva contra a personagem ou autor, finalizando com um processo de transferência. A quarta e última fase é a do *insight*, quanto às evidências de autoreconhecimento nas situações apresentadas derivam em incorporação de novos conceitos e uma integração da maior personalidade do indivíduo (o que antes eram aspectos inconscientes do caráter tornando-se integrados).” (FERREIRA, 2003, p. 41-42).

novos moldes de educação e aprendizagem.

Matos e Sorsy (2009, p. 28-34) mostram como trabalhar os elementos do conto para que a contação seja perfeita. Além desses elementos, é necessária a entrega/dedicação do contador com o momento. Sua experiência vale muito também, mas claro que isso é adquirido com o tempo. É necessário que se entenda muito bem cada personagem, qual é sua importância dentro da história, que se conheça sua forma para obter as informações de como é psicologicamente e fisicamente.<sup>37</sup>

Além disso, na hora do conto, entender e conhecer os espaços onde os personagens andam, sem ser exagerado e sem faltar informações, é crucial para que os ouvintes possam imaginar os cenários por onde sua mente os possa levar. Com o desenrolar da história é muito importante que o contador tenha em mente todo o esqueleto (básico da história) e, em cima disso, desenrole a trama, mas deve estar preparado, para que na hora esteja pronto para que a história mude totalmente se seus ouvintes pedirem.

É necessário que o contador tenha a sensibilidade em notar o que seu público necessita e, por último, as imagens que aguçam a memória do contador. São lembranças que ajudam o contador a se familiarizar com o conto.

Na visão comum de Matos e Sorsy (2009, p. 33), “trata-se de um trabalho de contemplação do interior de si mesmo para nele buscar o material que irá revestir o esqueleto do conto. É na memória “do que já ouvi, do que já vi, do que já senti, do que já provei” que posso dar vida ao conto.”

## **2.7 Biblioterapia: um processo terapêutico**

Segundo o que atesta Ferreira (2003, p. 36), a utilização da leitura como prática terapêutica é muito antiga, demonstrando que o indivíduo sempre buscou nos livros uma forma de conhecimento ou entretenimento, se valendo da leitura no apuro de sua visão de realidade. O leitor/ouvinte é um agente ativo dentro da história, ele é a personagem que transforma a leitura, pois o leitor/ouvinte é capaz de criar uma nova história por meio da história lida/ouvida.

De acordo com Caldin (2005), é de suma importância que para a biblioterapia haja o

---

<sup>37</sup> Psicologicamente, você descobre com a própria história e fisicamente, também, mas você poderá dar outras informações além do texto, porém sempre se deve ter lógica com a história.

diálogo<sup>38</sup> depois da contação. Lucas, Caldin e Silva (2006, p. 400) consideram a biblioterapia como uma atividade que une a leitura e a discussão em grupo. Para os autores, após a leitura a interação entre as pessoas é facilitada e assim passam a compartilhar seus sentimentos de dor ou alegria. A troca de experiência e afetividade é válida, pois “a biblioterapia vale-se, essencialmente, da palavra”. Assim, [...] se viver é conviver, ou seja, implica o compartilhamento de idéias, emoções e sentimentos, então, na biblioterapia, pela linguagem, pelo comportamento e pela afetividade, presta-se, de fato, um serviço ao outro. (CALDIN, 2010, p. 38).

Em uma sessão de biblioterapia, a interpretação do texto ocorre de forma individual e é um direito de toda pessoa. Cabe a ela retirar do texto o que mais lhe agrada e, claro, o que lhe desagradar, justamente para que ocorra a contraposição de idéias e o discernimento. Para que a biblioterapia<sup>39</sup>, se torne uma das formas já existentes de terapia (cuidado com o ser), é que após a leitura ou a contação da história o profissional incite o debate, a discussão de forma verbal ou não verbal.

Para Caldin (2010), é por meio dessa possibilidade que a linguagem metafórica que a literatura utiliza para com o leitor/ouvinte é que ela seja internalizada pela pessoa, de um modo transcendental. Entende-se como transcendental a experiência pura e simples independentemente do formalismo de ciência. A palavra expressa, do mesmo modo que o gesto (intencionalidade corporal), “se manifesta ora pelas representações conceituais, ora pelas expressões emocionais, atreladas ao contexto social do sujeito.” (CALDIN, 2010, p. 21).

O envolvimento com o livro, o preenchimento dos vazios do texto literário, a interação entre texto e leitor, a significação como continuidade e retomada do texto permitem que se pense na terapia por meio da leitura, ou, dito de outro modo, na biblioterapia (CALDIN, 2010, p. 79).

Nesse contexto, para se conceber a biblioterapia como terapia é necessário que as personagens das histórias exerçam uma função lúdica. Deve-se optar pelo lúdico quando o

---

<sup>38</sup> “A troca de impressões acerca do que foi lido, ouvido, dramatizado, cantado, ou apresentado em filme, nem sempre se processa pela linguagem verbal. Por esse motivo, considera-se diálogo os gestos, os desenhos, as expressões faciais, o riso, os aplausos, e qualquer outra manifestação de apreço ou descontentamento pelo lido/contado/apresentado.” (CALDIN, 2005, p. 21).

<sup>39</sup> “É preciso, entretanto, frisar que a biblioterapia, conquanto seja rotulada como uma terapia alternativa, nada tem do misticismo dos antigos Terapeutas de Alexandria ou do esoterismo de algumas terapias holísticas modernas. Não é e nunca se pretendeu estoica, ou esotérica. Contudo, expressa o cuidado com o ser total e credita valor aos ensinamentos do cotidiano.” (CALDIN, 2010, p. 38-39).

trabalho for realizado com crianças, pois na maioria das vezes os textos que são trabalhados são catárticos. Em outras palavras, o lúdico permite que a identificação do ouvinte/leitor para com a história seja mais rápida e simples. Saber despertar os sentidos do leitor/ouvinte é uma capacidade ímpar para a aplicabilidade de um método biblioterapêutico. Nas palavras de Caldin (2010), isso significa que “A biblioterapia vale-se dos sentidos e, por consequência, da percepção, para cuidar do outro, prestar um serviço ao outro, visto que a intercorporeidade é, reconhecidamente, terapêutica.” (CALDIN, 2010, p. 39).

Dentre as maneiras em que o ser humano se utiliza de seus potenciais psicomotores e cognitivos, a imaginação para a biblioterapia é muito importante, pois é alimentando o imaginário que a biblioterapia, quando aplicada, buscará trazer o ficcional para a realidade cotidiana. Com isso o leitor/ouvinte terá a possibilidade de vivenciar situações que desejam conscientemente ou inconscientemente e/ou que nunca poderiam ser vividas na vida real. Portanto, é um dever dos aplicadores da biblioterapia estimular a imaginação dos ouvintes e para permitir que por um determinado momento seja possível o sentir de certas emoções que possam causar prazer. “Se boas reminiscências produzem alegria e alegria produz saúde, na biblioterapia explora-se a memória como recurso altamente terapêutico.” (CALDIN, 2010, p. 40).

O dever da biblioterapia é cuidar do ser e não manipular sua moral. Dessa forma, a seleção dos textos deve mexer com as emoções do ouvinte, porém sem acrescentar mais problemas ao ouvinte (CALDIN, 2010, p.173). A biblioterapia é destinada à cura e não como um agravante a condição do indivíduo que passa por algum distúrbio ou acometido por uma doença.

De acordo com Matthews e Lonsdale (1992), citados por Caldin (2001), a biblioterapia deve mexer com seu imaginário causando a identificação com as personagens e produzir a catarse (resposta emocional). Não se processa julgamento de valor tanto das personagens como dos participantes da terapia. Assim, o texto apenas serve como suporte para o trabalho, entretanto, deve permitir flexibilidade na sua aplicação que pode ser lido, contado ou dramatizado. (LUCAS, CALDIN e SILVA, 2006, p. 401).

Apesar dos inúmeros gêneros literários, segundo Caldin (2010), a leitura pode ser compreendida entre três tipos distintos. A primeira, sendo a leitura de crescimento, destinada a educação e divertimento. O segundo tipo de leitura é a factual, onde o objetivo é informar e preparar um paciente. Por fim, a leitura de divertimento, onde se explora os sentimentos e se objetiva o tratamento dos problemas emocionais.

Na Grécia antiga e na Índia recomendava-se a leitura individual como parte do tratamento médico e, desde o século XIX, nos Estados Unidos da América se utiliza leitura individual em hospitais como coadjuvante no nome específico de *biblioterapia* a partir do século XX, ficou conhecida a leitura compartilhada e a posterior discussão em grupo. Isso implica o uso de materiais de leitura que nutram a saúde mental, a presença de um profissional que atue como mediador da leitura e um público-alvo que aceite participar de um programa de leitura (CALDIN, 2010, p.13).

### 2.7.1 A quem se destina a biblioterapia

A biblioterapia não é restritiva, o que não impede qualquer indivíduo em algum momento compartilhar dessa experiência. Ela é espontânea e se dá de forma indiscriminada, é livre de preconceitos de cor, raça, gênero, condição social e de orientação sexual. Para desfrutar dessa prática, o ouvinte/leitor deve ser estimulado a gostar dos momentos literários propostos.

Na prescrição dos livros é necessário avaliar as necessidades terapêuticas do indivíduo de maneira que os títulos sugeridos despertem a criatividade do ser e proporcione momentos de reflexão. Para Orsini (1982), citado por Caldin (2001), a biblioterapia é uma terapia que pode ser aplicada com fins de diagnósticos, tratamento e prevenção de problemas pessoais. E pode possuir como objetivos os níveis intelectual, social, emocional e comportamental. Assim, “a biblioterapia auxilia o autoconhecimento pela reflexão, reforça padrões sociais desejáveis, proporciona desenvolvimento emocional pelas experiências vicárias e auxilia na mudança de comportamento”. (CALDIN, 2001, p. 35).

A leitura, por si só, já é uma terapia, por permitir a liberdade de interpretação. Um dos gêneros de grande aceitabilidade por parte das crianças são os contos de fadas. Contos esses que foram analisados pelos estudos de Bettelheim (2002) com crianças norte-americanas<sup>40</sup>.

[...] literatura vai além das obras e pode ser definida, de acordo com Candido (1972), como algo que expressa o homem. À literatura é atribuída uma função formadora, pois independentemente da idade ou da condição social do indivíduo, sua fruição baseia-se na necessidade de fantasia que todo ser humano possui [...] (PRADO e FAZANO, 2004).

<sup>40</sup> Já no Brasil tem os estudos: Arroyo (1968); Candido (1972); Franz (1980); Zilberman (1985); Lajolo e Zilberman (1987); Volobuef (1993); Barel (1995); Coelho (1997); Amarilha (1997); Almeida (1986); Abramovich (1993); Simões (2000); e Jabur (2002). Todos eles referem-se especificamente à literatura infantil, mostrando a importância da leitura para a aquisição da escrita e o desenvolvimento do gosto pela leitura. (PRADO e VECTORE, 2006, p. 78).

A fantasia possui uma ligação direta com a realidade e, por tal motivo, pode-se dizer que a literatura auxilia na formação do homem, mesmo não sendo seu papel (PRADO e VECTORE, 2006, p. 79). Para Ferreira (2003, p. 43), a criação de um novo texto pelo ouvinte pode ser dada por meio de sua interpretação do texto ouvido, portanto, pode-se transmitir pelo texto os conceitos, mas os significados são particulares e intransferíveis.

Merleau-Ponty [...] sua teoria da expressão admitiu duas linguagens – a falada e a falante. Segundo ele, a fala falada é a que o leitor traz consigo, o conjunto dos escritos da língua; a fala falante, por outro lado, é uma recriação da leitura (CALDIN, 2010, p. 21-22).

Segundo Caldin (2010), a fala da biblioterapia, ou seja, aquela pela qual ela transmite sua mensagem, é a fala falante, pois só é possível a terapia por meio dos livros se a pessoa for estimulada a inferir novos sentidos ao que foi lido. Em adição, Merleau-Ponty acredita que isso só é possível se na construção do pensamento, o indivíduo for capaz de “não separar corpo e alma”. Em outras palavras, a biblioterapia pode e deve ser levada a qualquer pessoa, pois como remédio a alma é um excelente vigor ao corpo.

No es necesario estar enfermo, deprimido o anugustiado para hallar alivio en un libro. La lectura puede ser (es) generadora de mecanismos que tienden a nutrir el pensamiento y la vida emocional, generando recursos psíquicos sostenedores de situaciones emocionales angustiantes.<sup>41</sup> (MARTINS, 2009, p. 84).

## 2.7.2 Imersão biblioterapêutica

Para Caldin (2001), a palavra terapia envolve muito mais do que a simples cura, em termos restritivos, mas implica também uma atitude preventiva. Compreende que a terapia não serve apenas como tratamento, mas, sim, como diagnóstico acima de tudo.

É atribuído ao biblioterapeuta<sup>42</sup> tornar a biblioterapia como uma terapia de aconselhamento, indicando o material de leitura para guiar o caminho para solução dos problemas que cada um esteja passando (FERREIRA, 2003, p. 36). Desta forma, a biblioterapia tenta ao máximo explorar os sentimentos, as emoções positivas, de modo que todos compartilhem

<sup>41</sup> Tradução Livre: Não é necessário estar doente, deprimido ou angustiado para encontrar alívio em um livro. A leitura pode ser (é) geradora de mecanismos que tendem a nutrir o pensamento e a vida emocional, gerando recursos psíquicos sustentadores de situações emocionadas angustiantes. (MARTINS, 2009, p. 84).

<sup>42</sup> Aqui se entende por biblioterapeuta todo e qualquer profissional que esteja atuando na terapia, seja psicólogo, educador, bibliotecário e etc.



(CALDIN, 2010, p. 41). A troca de experiências, angústias, desejos, medos e pensamentos é um aditivo ao trabalho do biblioterapeuta, pois este saberá os tipos de títulos que podem vir a estimular as capacidades dos indivíduos.

O leitor/ouvinte compreende o texto em três níveis: *fazer sentido* (a capacidade de entender as situações apresentadas), *entendimento cognitivo* (a capacidade de relacioná-lo á situações vividas no seu dia-a-dia e compreender seus problemas a partir delas) e *empatia completa* (identificação total com a personagem), (FERREIRA, 2003, p. 42).

Assim para Caldin (2005):

A troca de interpretações é o mais importante do diálogo biblioterapêutico. Palavras e gestos – voz e corpo – se unem para fornecer a garantia de que o sujeito não está sozinho – ele pertence a um grupo e tira apoio dele. A intercorporeidade, aliada á intersubjetividade, transforma a leitura coletiva em um ato fenomênico (CALDIN, 2005, p. 14).

Como se trata de um diálogo descontraído, sem obrigações, por exemplo, entre um médico e seu paciente, a biblioterapia não funciona apenas como algo normalmente avaliativo. A biblioterapia ocorre de uma conversa e uma relação de confiança e amizade entre o leitor, o conto e o ouvinte, onde em um diálogo informal as pessoas possuem um espaço para liberar suas frustrações, medos e ansiedades de forma tranquila. (CALDIN, 2010, p. 126-127).

A biblioterapia não deve ser vista como uma psicanálise, pois esse não é o seu objetivo. O tratamento biblioterapêutico deixa livre ao leitor/ouvinte inserir o significado que desejar, para se identificar com qualquer personagem, tudo isso de forma livre sem direcionamento ou indução da resposta certa, pois não existem respostas certas. Para essa imersão biblioterapêutica os componentes são: “a catarse, o humor<sup>43</sup>, a identificação, a introjeção, a projeção e a introspecção.” (CALDIN, 2005, p. 14).

### 2.7.3 O conto: um agente de mudança

Conforme exposto, a biblioterapia visa um momento de troca de experiências, tendo em vista o que os livros possam ter para nos ensinar. É por essa razão que comumente a própria leitura de um livro acaba sendo indicada de uma pessoa para outra. Ora, pela história interessante

---

<sup>43</sup> “Humor é rebelião do ego contra as circunstâncias adversas, transformando o objeto de dor em objeto de prazer” (LUCAS, CALDIN e SILVA, 2006, p. 402)

ali contida, ora pela divulgação de um título. Já na metodologia da biblioterapia, a indicação ocorre por meio de um agente, o biblioterapeuta. Este, por sua vez, dotado de técnicas e capacidades, ao iniciar uma sessão de biblioterapia, *a priori*, apresenta ao seu público as sugestões de títulos sendo possível, que até haja uma troca de títulos entre os próprios membros do grupo.

É importante ainda destacar, a relação de valorizarmos a leitura orientada e crítica que faz parte deste programa, como um elemento de libertação e de engrandecimento humano, de auto-realização e aperfeiçoamento, destacando-se um alerta de importância fundamental (FERREIRA, 2003, p. 36).

Segundo Caldin (2004, p. 82), quando uma pessoa percebe que há sofrimentos maiores do que o seu, isso faz com que o seu próprio sofrimento diminua levando-a um sentimento de conformidade e paz. Além disso, observar nas páginas de um livro situações difíceis passadas por uma personagem, desperta no indivíduo o sentido de identificação e, com isso, retira delas, possibilidades para contornar seus obstáculos. De acordo com Caldin (2010), “ter compaixão e temor é ver na personagem seus próprios medos e representar estas emoções para si mesma é tê-las sob domínio”.

Shank (1984) defrontando-se com a construção da inteligência artificial, observou que *frequentemente tomamos a compreensão*, o entendimento, pela inteligência que na verdade inclui também a empatia e a identificação, quando um interlocutor se põe na posição do outro ou da dos personagens de um relato, que dizer, entendemos sempre a partir de nossas memórias, experiências e inteligência. A compreensão variaria desde o simples fazer sentido; passando pelo entendimento cognitivo até a ‘empatia completa’. A empatia completa só ocorre a partir de experiências semelhantes, enquanto que o entendimento cognitivo exige que o aprendizado ou mudanças com a experiência, a relação de experiências presentes com as passadas, chegando a informações novas, e, ainda que se explique como chegou até a nova informação (FONTANARI, 1991, p. 23 *apud* FERREIRA, 2003, p. 42).

Ressalta-se que a relevância da biblioterapia implica em uma atividade regada de expectativas positivas quanto à possibilidade de cura, tendo em vista que por meio do livro, instrumento símbolo de conhecimento, desperta o imaginário e constrói laços de amizade e amparo psicológico. Além disso, a biblioterapia não tem contraindicação, pois a sua aplicação e a análise textual são livres de amarras sendo que a construção do pensamento partilhado fomenta o imaginário daqueles que vêm na biblioterapia um caminho ao seu bem-estar.

## 2.8 A Biblioterapia e a Questão da Mudança de Comportamento

A biblioterapia considera que cada leitor/ouvinte constrói seu próprio texto, ou seja, produz um novo conceitual com base no texto lido/ouvido, sendo essa nova construção correlacionada com suas experiências e vivências pessoais. Cada texto é diferente para cada leitor/ouvinte e cada história é compreendida por inúmeros modos interpretativos. De modo ilustrativo, isso é comum quando ao se pedir a um indivíduo que conte uma história que já tenha lido/ouvido, esse, por sua vez, se baseará na compreensão do que ele abstraiu da história. Já conhecida para Ferreira, é com essa nova assimilação do texto, pela aquisição de novos conhecimentos e por uma nova percepção do mundo, que, a pessoa vai encontrar informações suficientes para modificar seus valores e comportamentos. (FERREIRA, 2003, p. 42).

Louise Rosenblatt (*apud* SHRODES, 1949) analisa a literatura ficcional como ajuda para o ajustamento social e pessoal. Sua teoria é de que a literatura imaginativa é útil para ajustar o indivíduo tanto em relação aos seus conflitos íntimos como em conflitos com outros. Para a autora, pensamento e sentimento estão interligados. [...] Rosenblatt considera objetivos de cura: aumentar a sensibilidade social, ajudar o indivíduo a se libertar dos medos e das obsessões de culpa: proporcionar a sublimação por meio da catarse, e, levar o ser humano a um entendimento de suas reações emocionais. Como objetivos de prevenção, aponta: prevenir o crescimento de tendências neuróticas e, conduzir a uma melhor administração de conflitos (CALDIN, 2001, p. 34).

De acordo com Caldin (2010), que cita Compagnon (1999), para que um texto seja literário é preciso que o mesmo proporcione uma renovação da sensibilidade linguística ao leitor. O que significa que o texto deve servir de ponte à compreensão dos sentidos da vida. Em contrapartida outros autores consideram que a sensibilidade não ocorre. Em linhas gerais, a própria evolução do pensamento demonstra que cada época decide o que é e, o que não é literário. Caldin (2010) define que, em última instância, quem decide o que é literário ou não são os próprios leitores e ninguém mais, pois eles modificam as histórias de acordo com seu contexto sociocultural dando novos significados aos textos. Essa modificação da história faz com que os leitores, a exemplo de uma sessão de biblioterapia, vejam na história elementos plausíveis a sua própria mudança de comportamento.

Não é uma regra que essa mudança possa ocorrer, e é por isso mesmo que a Biblioterapia acredita que cada indivíduo é único, e que cada ser humano possui um nível de compreensão mais apurado que outros. O que se pode observar com isso é que as emoções serão contrapostas ao que o leitor/ouvinte consegue captar, do que lhe foi anteriormente exposto.

*No Campo Correcional:* a Biblioterapia visa á recuperação de jovens delinquentes e adultos criminosos que, em geral, tem problemas emocionais e de ordem social, cuja resolução pode ser auxiliada pela leitura. O uso do livro provoca a diminuição da ansiedade, despertando novos interesses, canalizando a agressão para ações aceitas pela sociedade, além de que, a leitura contribui na verbalização dos problemas (SEITZ, 2006, p. 26-27).

Segundo Abbagnano (2003) e Caldin (2010), a emoção é entendida como um estado, uma condição do ser humano em determinada situação, necessidade e interesse segundo o valor que cada uma dessas condições tenha em sua vida. Em contraposição, esse estímulo pode ser tanto de prazer quanto de dor, onde o primeiro é algo bom e favorável a vida enquanto que o segundo algo desfavorável a vida.

Contrariamente, Sartre (2006), citado por Caldin (2010), acha que o conceito de emoção para a psicologia é insuficiente, pois a psicologia analisa a emoção separada de todo o resto. Conquanto que na biblioterapia a emoção pertence à consciência e tudo está entrelaçado. No pensamento de Caldin: “Como o ser é uno, consciência e corpo andam juntos.” (CALDIN, 2010, p. 106). Para se comunicar com o outro, os seres humanos não se utilizam apenas da linguagem, mas usam também os gestos corporais de modo a transmitir como estão se sentindo e quais são suas emoções.

A imaginação é importantíssima para a biblioterapia a que implica na consciência de reproduzir conhecimentos já adquiridos mantendo a relação com objetos que não estão presentes. (CALDIN, 2010, p. 108-109). Arelado a isso, o comportamento de cada indivíduo deve ser um palco de novas experimentações emocionais devido ao fato de que o próprio comportamento humano pode ser alterado, ainda que por um simples gesto ou mudança de pensamento se reflitam em sua vida.

Na apropriação do outro, na identificação com as personagens ficcionais, entra em cena, também, a atividade que pode ser demonstrada tanto em relação às personagens principais (as quais, na maioria das vezes, apresentam virtudes), quanto em relação às personagens secundárias (as quais, na maioria das vezes, apresentam má índole) (CALDIN, 2010, p. 143).

No momento do compartilhamento de vivências, a leitura/contação/dramatização transforma-se em um ato solidário, pois na hora da identificação com a personagem ficcional o leitor/ouvinte consegue forças para enfrentar suas adversidades e suas soluções para os seus problemas (CALDIN, 2010, p. 148).

Assim, para Matos e Sorsy (2009, p. 9-10), é através da identificação que o leitor/ouvinte tem para com as personagens (em formas humanas ou não) e com as histórias vividas no conto que a história passa a ser a “sua própria história, contada à maneira do conto popular”. Para Machado (2004, p. 59), essa aproximação ocorre devido ao fato do texto discorrer sobre informações de cada personagem, o que desperta no leitor/ouvinte a identificação com a personagem, pela semelhança pessoal e da sua própria história vivida.

Cumpra lembrar que a decisão de mudança ou não de comportamento é posterior à história, às vezes vários dias, pois o sujeito fica como que digerindo o que acabou de constatar: (...). E, quando torna a decisão, normalmente está sozinho e não a partilha com os aplicadores da biblioterapia. Existem casos, no entanto, em que o *insight* é instantâneo e o sujeito tem necessidade de expor ao grupo o que sente (vergonha, desconforto) – até como uma purgação – e aqui o diálogo é terapêutico no sentido de abrir a oportunidade para os outros participantes também exporem seus pensamentos, desejos e motivações, trocarem idéias a respeito de certos problemas, “jogarem para fora” o que os incomoda (CALDIN, 2010, p.174).

Durante uma prática biblioterapêutica, acredita-se que a alteração de comportamento pessoal de um indivíduo ou perante a sociedade (incluindo a família, amigos) é de forma gradativa, responsável e espontânea. Significa que alterar o comportamento de um ser humano é antes de tudo um trabalho árduo, pois a essência e a personalidade do ser humano são construídas desde os anos da fase escolar. É por esse e por outros motivos, que se acredita que a leitura pode ser apresentada as crianças antes mesmo do estágio de alfabetização. A biblioterapia não julga o comportamento fazendo alusão ao bom e ao mau comportamento, mas trilha caminhos sobre como aplicar mudanças de melhoria ao convívio do ser humano dentro da sociedade e, claro, reforçar suas próprias condições. Ou seja, como os seres humanos aceitam os demais e também, a si próprios.

### 3 METODOLOGIA

O presente trabalho foi desenvolvido fundamentalmente por análise documental, objetivando mostrar a importância que a biblioterapia possui perante a sociedade e, principalmente, na profissão da Biblioteconomia.

Os critérios de escolha dos livros adquiridos foram baseados em indicações de pessoas especializadas nos temas de Biblioterapia e Contador de histórias. Outros materiais foram coletados no decorrer do curso por meio de textos recebidos em diversas disciplinas. Em paralelo, foi realizado um Curso de Contação de histórias<sup>44</sup> para o aprendizado da compreensão das técnicas e também interagir com o público-alvo, no caso, as crianças a quem o trabalho é direcionado. O que se objetivou com esse curso, e o que foi apreendido das técnicas, foram os pilares para um bom desenvolvimento do trabalho aqui apresentado.

Por meio de fontes de informações tais como livros das áreas da Biblioteconomia, Pedagogia e Psicologia; artigos e textos acadêmicos encontrados em base de dados como a Scielo e a base Proquest, e pesquisas na *Internet* o trabalho foi desenvolvido a partir de fontes de informação sobre o tema. O presente trabalho compila conceitos da própria Biblioteconomia, Biblioterapia, Pedagogia, e o Ofício do contador de histórias. Em todo o material foi feita uma análise conceitual da Biblioterapia e de fatos correlacionados a ela, onde foram encontrados conceitos recorrentes a Biblioteconomia (o profissional, a área, biblioterapia e demais assuntos). Devido ao caráter relevante das duas áreas, essas foram relacionadas tendo em vista a importância do estudo da biblioterapia pela Biblioteconomia. A pesquisa do material bibliográfico foi realizado nas referências publicadas no período de 1990 a 2010.

---

<sup>44</sup> Curso realizado no Instituto Agilità pelo grupo Era Uma Vez. Denominado de A arte de contar histórias com 12 horas-aula no período de 22 e 29 de maio e 5 de junho de 2010.

## 4 BIBLIOTERAPIA E O COTIDIANO

Para Caldin (2010), não se deve confundir os biblioterapeutas como terapeutas psicológicos, pois segundo ela o próprio ouvinte é seu terapeuta, e a ele cabe fazer sua interpretação do texto literário, de acordo com suas emoções e necessidades (CALDIN, 2010, p. 46). É de fundamental importância que se tenha em mente que a biblioterapia é recomendativa e não prospecta ser uma área da psicologia. Em suma, a biblioterapia se apresenta como um complemento a psicologia.

Segundo Prado e Vectore (2006), dentre todos os direitos da criança, o brincar, é uma importante etapa no desenvolvimento, e por isso não se deve negar a criança a possibilidade de imaginar e se expressar; ter direito a educação, a ler e ouvir um bom livro mesmo que ainda não saiba ler. (PRADO e VECTORE, 2006, p. 78).

Segundo Ferreira (2003), um mesmo texto pode ter várias interpretações uma vez que a interpretação de um indivíduo não é a mesma do outro, ou seja, a interpretação é plural. Na biblioterapia, tendo em vista que trabalha com o auxílio do livro para a prática da terapia, é por meio do texto que se julga de fundamental importância que o material escolhido tenha qualidade para garantir o sucesso biblioterapêutico. É nessa etapa que, segundo Caldin (2010), a biblioterapia deve contemplar não só a leitura, mas os comentários que dela surgem.

Para tanto o texto é o terapeuta na biblioterapia e ocorre o encontro do leitor e do ouvinte, que para uma boa troca de experiência é preciso que se façam comentários orais, movimentos gestuais e claro não pode faltar o sorriso que também é terapêutico. “O texto une o grupo” (FERREIRA, 2003, p. 44).

De acordo com Martins (2007), o ouvinte em sua busca pela realidade é capaz de sair e voltar para si sendo que é por meio desse rito de passagem, que decorre o diálogo entre a sua realidade e o conteúdo de um livro. Assim, “De acordo com Marc-Alain Ouaknin (1996, p. 97), a tese central da biblioterapia é que o ser humano, como criação contínua e em movimento constante, “encontra suas forças no processo narrativo-interpretativo da atividade da leitura” (CALDIN, 2001, p. 36).

Cabe lembrar que a etimologia da palavra biblioterapia significa *terapia por meio de livros* e hoje observa-se na literatura especializada como uma importante área de conhecimento em ascensão. Isso decorre pelo fato de se considerar a leitura importante, não só por entretenimento,

mas por acreditar que, em um bom título, as palavras, gestos, contos, magia e romance possam auxiliar o ser humano na compreensão de seus próprios sentimentos.

Caldin (2010) afirma que “[...] já se sabia da capacidade terapêutica do livro desde civilizações antigas, que consideravam suas bibliotecas sagradas, que continham os remédios para as enfermidades”. (CALDIN, 2010, p. 12).

#### 4.1 O Papel do Bibliotecário

Para Pinto (2005, p. 42), a biblioterapia é um campo abundante para atuação do bibliotecário<sup>45</sup>, que deve ter conhecimentos de psicoterapia ou atuar conjuntamente com os outros profissionais. Segundo o pensamento de Lucas, Caldin e Silva (2006), a biblioterapia, para o bibliotecário, é um novo momento para a área de atuação do profissional de Biblioteconomia. Para tanto, é necessário que o curso de Biblioteconomia passe a fornecer oportunidades para que o profissional da informação (bibliotecário) contemple a biblioterapia e faça dela um campo de atuação.

En el contexto que sea, la biblioterapia es trabajo de equipo y deberá llevarse a cabo con otros especialistas, dependiendo del lugar en que se realice. Así, el bibliotecólogo será el encargado de familiarizarse con los textos y las características de los usuarios del servicio, interactuando con los demás técnicos del equipo<sup>46</sup> (MARTINS, 2009, p. 85).

Seitz (2006) e Lucas, Caldin e Silva (2006) partilham da idéia de que é preciso que o bibliotecário fique sempre informado sobre a prática biblioterapêutica, não apenas saber catalogar, classificar, indexar, organizar e disseminar a informação. Que este venha a participar de cursos, seminários, reuniões e discussões multidisciplinares para que o bibliotecário atue estreitamente na mudança dessa realidade.

Assim, de acordo com Ferreira (2003), a biblioterapia é considerada uma especialização da Biblioteconomia, onde o papel do bibliotecário ainda é discutido, porém apenas

<sup>45</sup> **Bibliotecário** *cybrarian, librarian* **BIB 1.** Profissional que tem a seu cargo a direção, conservação, organização e funcionamento de bibliotecas. **2.** Profissional que desempenha funções técnicas ou administrativas em bibliotecas; b) lida com documentos de todos os tipos (p.ex.: livros, periódicos, relatórios, materiais não-impressos) com base na especificação de seu conteúdo temático e a serviço de uma variedade de usuários, desde crianças até mesmo cientistas e pesquisadores. (CUNHA, 2008, p. 53).

<sup>46</sup> **Tradução livre:** Independente do contexto, a biblioterapia é um trabalho em equipe e deve ser trabalhada em conjunto com outros especialistas, dependendo do lugar que seja aplicada. Dessa maneira, o bibliotecário será encarregado de se familiarizar com os textos e as características do usuário do serviço, interagindo com os demais profissionais da equipe.



depende de sua formação em outros campos científicos. Portanto, isso faz com que a atuação profissional mude um pouco de direção sendo mais educacional e psicológica, e não restritamente técnica.

É necessário, também, que os bibliotecários comecem a se interessar pela Biblioterapia, que olhem um pouco ao seu redor e encontrem no livro a contribuição para amenizar muitos problemas como, por exemplo, a depressão dos idosos, a solidão das pessoas hospitalizadas e verão que praticar a Biblioterapia é tão gratificante quanto fornecer ao médico “aquele livro” que traz a dosagem exata do medicamento que o paciente precisa para sobreviver (SEITZ, 2006, p. 32-33).

Ressalta-se como de fundamental importância a participação mais dinâmica do bibliotecário na aplicação da biblioterapia como área da atuação profissional de Biblioteconomia. O bibliotecário não deve apenas adotar o papel de guardião dos livros, pois a atuação profissional está sendo continuamente ampliada e é essencial perceber esse momento para que ocorra o fortalecimento e o reconhecimento da profissão. Lucas, Caldin e Silva (2006) discorrem que a multidisciplinaridade é um dos caminhos ao reconhecimento da área: “Faz-se extremamente necessário o engajamento deste profissional em equipes multidisciplinares que tenham por objetivo comum à melhoria da qualidade de vida e o bem-estar sócio-cultural dos cidadãos.” (LUCAS, CALDIN e SILVA, 2006, p. 399).

[...] o papel do bibliotecário na Biblioterapia é definido em grande parte pela formação profissional específica do bibliotecário e sua interação com estes outros profissionais. O contexto no qual o programa é planejado e aplicado, os objetivos que pretende atingir, e os usuários aos quais se destina são outros fatores determinantes (FERREIRA, 2003, p. 43).

O uso de livros para influenciar o desenvolvimento da personalidade de uma pessoa é um processo de interação entre o leitor, livro e ouvinte e que enriquece a personalidade de todos os participantes. Para isso, faz-se jus e necessário que a Biblioteconomia amplie seu campo de visão. Segundo Lucas, Caldin e Silva, a biblioterapia deve ser posta em jogo pelo papel social que é capaz de exercer no mundo de hoje, o que contribui para a melhoria e amplia o acesso dos cidadãos com sede de leitura e o número de agentes formadores de leitura.

Segundo Ferreira (2003), “Com relação à atividade do profissional de Biblioteconomia e Ciência da Informação, fazer a seleção do material implica em muitos riscos, pois o bibliotecário se define enquanto pesquisador e profissional, e ao mesmo tempo, enquanto

cidadão participante de mudanças sociais”. (FERREIRA, 2003, p. 36).

O bibliotecário que quer fazer da biblioterapia um campo de atuação deve ter por objetivo que na aplicação da hora do conto é preciso levar em consideração os pilares da biblioterapia: propósito da catarse<sup>47</sup>, produzir o riso que é terapêutico, proporcionar a identificação e proporcionar a projeção/introjeção e introspecção.

Os bibliotecários deverão, também, satisfazer as necessidades estéticas das crianças com textos de qualidade, de bons autores (não usar narrativas pobres, com uso excessivo de diminutivos e enredo fraco – as crianças são inteligentes e querem ser tratadas com dignidade). Deverão, ainda, fortalecer a relação de amizade bibliotecário/crianças (o afeto é terapêutico – o toque, o abraço, a palavra de consolo, a cumplicidade do olhar, os gestos meigos, a fala mansa, o sorriso gentil – tudo isso faz parte de uma sessão de contos em que, se a história é a estrela principal, os atores envolvidos – o bibliotecário e as crianças não são menos importantes e merecem respeito, carinho e atenção). (CALDIN, 2005, p. 22).

#### 4.2 Biblioterapia: aplicabilidade prática

Tabela 1 - Conto de tradição oral

NÍVEIS	OBJETIVOS
Nível 1	Divertir, distrair, recrear (adulto e criança), ajudar no aprendizado, instruir e formar.
Nível 2	Ensinar regras morais, sociais e tradicionais.
Nível 3	Iniciático para viver no mundo real.

Fonte: MATOS, 2005, p. 19.

Segundo Matos (2005, p. 19), o conto de tradição oral pode ser visto por três níveis. O primeiro nível possui como objetivo divertir, distrair e recrear adultos e crianças, estas que por sua vez, ajudam no aprendizado da língua e nos mecanismos do pensamento. Um encontro para a contação de contos é um momento de diversão e distração por meio de cantos, brincadeiras, risos e muitos outros elementos. Portanto, “o conto é uma brincadeira, mas uma brincadeira organizada, uma brincadeira oral que deve interessar e divertir antes de instruir e formar [...]” (MATOS, 2005, p. 20).

<sup>47</sup> “**catarse** s.f. (1938) [...] **2** ESTÉT TEAT purificação do espírito do espectador através da purgação de suas paixões, esp. Dos sentimentos de terror ou de piedade vivenciados na contemplação do espetáculo trágico [...] **4** PSICN operação de trazer à consciência estados afetivos e lembranças recalcadas no inconsciente, liberando o paciente de sintomas e neuroses associadas e este bloqueio **5** PSIC liberação de emoções e tensões reprimidas, comparável a uma *ab-reação* **6** PSIC efeito liberador produzido pela encenação de certas ações, esp. as que fazem apelo ao medo e à raiva • [...] purificação, purgação; alívio da alma pela satisfação de uma necessidade moral (p. 422)”.

No segundo nível, o conto é um suporte para o ensinamento de regras morais, sociais e tradicionais da sociedade através de como um ser humano deve se comportar em família e na sociedade. E por último, mas não menos importante, o terceiro nível que é iniciático “na medida em que ilustra as atitudes a imitar ou rejeitar, as armadilhas a discernir e as etapas a vencer quando se está engajado no difícil caminho da conquista e da realização de si mesmo.” (MATOS, 2005, p. 41).

Para uma boa desenvoltura da contação de histórias é necessário, além da fala, que o corpo fale também e que hajam elementos visuais que atraíam os ouvintes e que ajudem no mergulho do imaginário, em um mundo paralelo à realidade. Em linhas gerais, é a fuga da realidade por meio de um mundo fantástico da leitura. Um componente importante da recepção que o ouvinte tem da história é sua própria capacidade em recriá-la a sua maneira em face do que se retirou da história, e de acordo com suas informações internas/íntimas. Não é necessariamente exteriorizado em suas atitudes logo depois do conto (MATOS, 2005, p. 82).

Entre as idéias principais de Bettelheim, reside a afirmação de que os contos oferecem um sentido a situações que as crianças têm ou tiveram ocasião de viver, o que já contém por si um aspecto terapêutico. Os contos tradicionais ajudam na medida em que trazem fatos que a própria criança vive em seu inconsciente e com os quais pode se identificar, como com as personagens, tendendo ao amadurecimento. Seu valor viria também de que auxiliam a transformar em fantasias representáveis o conteúdo do inconsciente, abrindo dimensões imaginárias. Esses benefícios estimulam as representações conscientes, diminuindo a nocividade das pulsões e do conteúdo inconsciente (GUTFREIND, 2003, p. 26-27).

Segundo Bettelheim (2007), os contos de fadas ajudam no amadurecimento psíquico das crianças por oferecer a possibilidade de entender o porquê das coisas no mundo real e oferecem a identificação com as personagens e com o enredo das histórias. De acordo com Gutfreind (2003, p. 142 e 143), que fala do literário e que perpassa por Freud, o qual defende que o conto pode proporcionar um enorme prazer e ajudar na dominação dos medos infantis. Muitos textos literários de contos populares, possuem os medos de abandono, morte, solidão, matar e de não ser amado. Trazem, portanto, prazer às crianças que ouvem as mesmas histórias mais de uma vez na ilusão de que podem superar e combater esses problemas.

Em continuidade às idéias de Gutfreind, os contos tradicionais possuem uma estrutura binária, pois partem de uma situação e chegam à outra, contrária à primeira e, com isso, desenvolvem a oposição. E assim, ensinam às crianças a diferenciação das coisas na vida real. “O

conto é importante e válido para todas as faixas etárias, pois auxilia na busca de soluções para os problemas individuais de cada pessoa.” (CALDIN, 2010, p. 13).

De acordo com Lucas, Caldin e Silva (2006, p. 403), é importante antes de começar as atividades biblioterapêuticas perceber alguns cuidados. É necessário obter autorização do local onde será aplicada a atividade e das pessoas que irão participar, além de realizar um diagnóstico do público e da instituição, e não se esquecendo de verificar os gostos de leitura do grupo. Sempre lembrando que uma pessoa não é a mesma que a outra, portanto, deve-se tomar cuidado com a diversidade de interesses, a cultura, os valores, sempre respeitando as diferenças. Mas o mais importante é a realização do trabalho com amor.

Caldin (2010, p. 19) afirma que “[...] o descompasso entre corpo e mente quebra a harmonia necessária ao bem-estar.”, pois se compreende que a biblioterapia parte do pressuposto de que corpo e alma devem ser observados em unidade. Não obstante, o material aplicado para a prática biblioterapêutica deve ser analisado conforme certas peculiaridades, tais como “evitar textos com conteúdos moralizantes, didáticos, informativos, pobres de conteúdo, longos e fragmentados” (LUCAS, CALDIN e SILVA, 2006, p. 402).

Segundo (Caldin, 2010, p. 83), “É justamente a descoberta de significado pelo leitor que faz o texto literário se configurar como um cuidado com o ser<sup>48</sup>, como uma maneira de visar à saúde, como uma terapia [...]”.

Para tanto, os aplicadores da biblioterapia valem-se da leitura, a contação, a narração, dramatização, brincadeiras, dança, música, jogos e o diálogo para o restabelecimento do bem-estar do ser, fortalecimento do equilíbrio e das perturbações (CALDIN, 2010, p. 61). Segundo, Ferreira (2003), a importância da biblioterapia como um todo é o resultado que se obtém quando tal atividade é aplicada. Em complemento, Ferreira (2003) acredita que a Biblioterapia é um adicional a educação formal, estabelecida a partir das discussões orientadas e da leitura dirigida, tendo por princípio ser aplicada como terapia por alguém especificamente treinado para isso, e em caráter preventivo. Além disso, tem-se um melhor resultado quando aplicada preferencialmente em grupos homogêneos, com os mesmos interesses, e principalmente, na mesma faixa etária. (FERREIRA, 2003, p. 40-41).

---

<sup>48</sup> “Entende-se por terapia a arte de cuidar do ser, respaldando-se no conceito de *holon* (o todo) com capacidade regenerante, no benefício do esquecimento e na participação do outro. Não é, então, uma cura, no sentido restritivo da palavra, mas no sentido alargado de busca do equilíbrio e da harmonia do ser total, uma preocupação com o bem-estar do ser humano.” (CALDIN, 2010, p. 31).

Para Bettelheim e Caldin o conto e a contação de histórias é terapêutica, pois o ouvinte/leitor encontra por conta-própria as soluções de seus problemas.

[...] a linguagem metafórica permitia as crianças deslizarem com segurança nos dramas e conflitos das personagens, e assim, aprendiam a lidar com seus próprios dramas e conflitos. Sem cobranças, sem ameaças, a metáfora era um remédio poderoso: cuidava brincando (CALDIN, 2010, p.12).

Caldin (2010) defende que para aplicar a biblioterapia é fundamental a liberdade, o livre arbítrio, sendo que a participação em todas as suas atividades deve ser voluntária, e jamais impositiva. A biblioterapia não objetiva o julgamento de ações ou avaliação, mas sim a exposição do que os indivíduos sentem<sup>49</sup>.

Pinto (2005, p. 39) defende que a biblioterapia se utiliza de várias ferramentas verbais e não verbais para passar sua informação e se apoia em vários domínios, portanto, é uma atividade multidisciplinar. “A criação de imagens ajuda a despertar as sensações e a ativar os sentidos do paladar, tato, audição, visão e olfato por um processo de recordação das próprias experiências.” (MATOS e SORSY, 2009, p. 33). Caldin elenca alguns procedimentos que os bibliotecários devem tomar para desenvolver a biblioterapia com crianças, dentre os quais estão:

- a) A biblioterapia inclui a leitura ou a narração de textos literários que estimulem não apenas o intelecto, mas também as emoções. Considerando-se que a catarse é uma resposta emocional, pode-se inferir que as histórias infantis permitem a diminuição do medo e da ansiedade quando a criança transita no universo ficcional em que símbolo e realidade se confundem.
- b) O conto infantil desenvolve não apenas a inteligência e a sensibilidade estética, contribuindo para a formação integral da criança, mas também a permite sonhar. Aos que criticam a leitura como evasão, cabe lembrar que a fantasia permite à criança chegar a um entendimento da realidade.
- c) Quase sempre de forma inconsciente, a identificação com uma personagem permite vivenciar situações por vezes impossíveis na vida real.
- d) Embora muitos acusem de maléfica a agressividade contida em alguns textos infantis, sabe-se que uma dose de violência é possível de ser aceita, pois a criança pode extravasar sua própria agressividade de forma inócua.
- e) Destacam-se como terapêuticos os contos de fadas, pois os mesmos reasseguram possibilidades de vitórias sobre os obstáculos e fornecem esperanças para o futuro ao apresentar, sempre, um final feliz.
- f) Há que se ter cuidado de buscar textos curtos, que não cansem e que permitam manter o interesse durante toda a atividade de biblioterapia. (CALDIN, 2004, p. 86).

<sup>49</sup> “**catártico (método)** Qualquer método terapêutico que vise obter uma tal situação de crise emocional, de forma que essa manifestação crítica provoque uma solução do problema que a crise pôs em cena”. (Caldin, 2010, p. 32).

Machado (2004, p. 53) comenta que é importante que o contador de histórias monte um roteiro para melhor desenrolar a narrativa, que ajuda na compreensão do texto, na sua memorização e para ajudar a não se perder na história. Não basta apenas a leitura sem algum acompanhamento terapêutico, pois sem esse pacote não se pode caracterizar a biblioterapia<sup>50</sup>. O encontro biblioterapêutico envolve o ouvinte que está enfrentando conflitos e o leitor (bibliotecário, psicólogo, uma equipe multidisciplinar, etc.).

A Biblioterapia para desenvolvimento Pessoal ou Biblioterapia de Desenvolvimento Pessoal é aplicada principalmente em escolas, bibliotecas públicas e centros comunitários ou religiosos. O Bibliotecário desempenha principalmente o papel do educador (FERREIRA, 2003, p. 40).

Dentre os diversos ambientes em que a biblioterapia pode ser aplicada, três desses ambientes foram discutidos em destaque no presente trabalho:

---

<sup>50</sup> Biblioterapia segundo a compreensão de Caldin (2001): leitura dirigida e discussão em grupo, que favorece a interação entre as pessoas, levando-as a expressarem seus sentimentos; os receios, as angústias e os anseios. Dessa forma, o homem não está mais solitário para resolver seus problemas; ele os partilha com seus semelhantes, em uma troca de experiências e valores. Direcionando a biblioterapia para a infância, apresentou como objetivos básicos da função terapêutica da leitura, o proporcionar uma forma de as crianças comunicarem-se, de perderem a timidez, de exporem seus problemas emocionais e quiçá físicos. Entendeu a biblioterapia como catarse, que vale-se da identificação (pela projeção e pela introjeção), da introspecção e do humor. Verificou, na recepção do texto literário para a infância, validade de tal texto oferecer moderação das emoções às crianças. (CALDIN, 2001, p. 36).

Tabela 2 - Aplicabilidade prática

AMBIENTES	DESCRIÇÃO
Escolar	Contos de fadas devem ser contados colocando entonação na voz e gestos corporais e após a contação deve-se desenvolver alguma atividade didática. Os contos ajudam na criação pelo gosto pela leitura e ajudam os adolescentes e crianças nas crises pessoais e nas dificuldades que estejam tendo em alguma disciplina na escola. Desenvolve o lado intelectual e o social.
Hospitalar	Funciona como um coadjuvante no tratamento médico. Direcionada principalmente para pacientes que estão internados e que passarão por um longo tratamento. Fornece informações sobre o que está se passando com o indivíduo para melhor aceitação da situação e proporciona ainda, um momento recreativo.
Terapêutico	Proporciona mudança no comportamento do indivíduo, auto-correção, preparo para formação para vida real, resolução dos problemas, aceitação da terceira idade, etc. Um cuidado com o corpo e a alma.

Fonte: dados da pesquisa (2011).

#### 4.2.1 Ambiente escolar

Assim como os adultos, as crianças também farão as suas interpretações pessoais sobre o conto, principalmente, porque a criança interpreta apenas aquilo que melhor lhe convém. Segundo Caldin (2004, p. 80), além de cada criança ter a sua diferença de interpretação, em diversas etapas de sua vida, a sua interpretação de uma história será distinta, por isso que os contos de fadas são imortais e fascinantes. Para que isso ocorra é necessário que o contador traga em sua entonação da voz e em seus gestos um toque mágico no lúdico e no terapêutico. Para tanto, depois da contação é de suma importância que o contador incentive a criança a trocar ideias e a fazer uma reflexão entre o imaginário e o real, para que a literatura se encontre com a terapia. (CALDIN, 2004, p. 77).

Dessa forma, acredita-se que o texto literário abre a percepção de mundo do ponto de vista da criança, fazendo com que seus sentimentos e emoções se exteriorizem e assim efetue a catarse (CALDIN, 2004, p.75). Além desse prazer, os contos de fada permitem a desacomodação e a reacomodação afetiva da criança, ensinando que o bem sempre triunfa sobre o mal (PRADO e VECTORE, 2006, p. 85).

A biblioterapia aplicada com crianças é uma excelente forma de despertar o gosto pela leitura mesmo antes da alfabetização. As atividades biblioterapêuticas, além de serem estimuladoras da leitura, facilitam a socialização em grupo, propiciam momentos que desinibem as demonstrações de afeto e solicitações de ajuda para determinados males e anseios (LUCAS, CALDIN e SILVA, 2006, p. 414).

Segundo Seitz (2006, p. 27), na educação sempre se utilizou de livros para terapia de crises de adolescentes e crianças com problemas, por exemplo, na separação dos pais e na morte em família, e que precisam ficar afastadas de seus familiares por um período extenso. Lucas, Caldin e Silva (2006) e muitos outros autores, como Ratton (1975) e Seitz (2006), defendem que a leitura de contos deve começar antes mesmo da alfabetização da criança criando assim um hábito de leitura.

O dever da educação é apenas desenvolver o intelectual e deve também desenvolver a personalidade da criança. Com o decorrer das décadas a educação vem mudando seu modo de ensino e sua visão de educação. Hoje o método didático propõe que o aluno realize pesquisas, e assim confronte as ideias de cada autor, e com isso acaba por desenvolver seu próprio conhecimento, sua própria opinião (SEITZ, 2006, p. 27). Ratton (1975) afirma que é por meio da construção da opinião crítica que a educação se mostra mais aplicada e demonstra que a mesma tem se consolidado. Desse modo, Ratton descreve ser necessário que “[...] o educando não acumule só conhecimentos de outros, mas forme seu próprio cabedal intelectual e saiba operar, comprar, criticar e utilizar o que aprendeu” (RATTON, 1975, p. 205). Assim, para Ratton (1975, p. 205), “A educação é um procedimento que visa o indivíduo como um todo. [...] Alguns professores fazem atualmente uso de livros não didáticos para desenvolver atitudes preparando o aluno para enfrentar os problemas da vida moderna”.

De acordo com Matos (2005), para Sylve Loiseau, a escola ainda subestima os contos, que são riquíssimos; abandoná-los é se privar de um instrumento didático importantíssimo e negar as crianças uma iniciação completa à natureza humana. Segundo Walkíria Angélica (*apud* MATOS, 2005), as crianças possuem em seu inconsciente a melhor forma de se aproveitar dos contos de fadas, para se conhecer e para dominar os seus medos. Portanto, cabe a escola proporcionar esse momento de autoconhecimento (MATOS, 2005, p. 136).

Roberto Carlos Ramos sugere que o professor desenvolva certas habilidades, que poderiam ser de grande valia no contexto da educação escolar. A capacidade para colocar-se em sintonia com seus alunos, como faz o contador de histórias com seus ouvintes, é a primeira delas e poderia ajudar o professor a perceber melhor as



necessidades e possibilidades de seus alunos (MATOS, 2005, p. 140).

Essa educação por meio dos textos literários não apenas forma o indivíduo na escola e sim para todos os aspectos sociais. A biblioterapia deve ser aplicada na escola sempre que necessário com os alunos que estão com baixo rendimento escolar ou com dificuldades de entender a matéria ou mesmo por problemas mais sérios, como algum distúrbio psicológico ou problemas familiares, pois segundo Caldin, é no momento em que as crianças amam muito uma história que a leitura se torna um “[...] indicativo de que essa história é terapêutica” (CALDIN, 2010, p. 12).

#### **4.2.2 Ambiente hospitalar**

Como explanado anteriormente, a biblioterapia pode e deve ser aplicada em diferentes ambientes, desde que em sua perspectiva se tenha como resultante proporcionar a cura e a compreensão do indivíduo diante de seus medos e angústias pessoais.

Em um ambiente hospitalar, essa condição não é diferente, pois de acordo com Seitz (2006), a biblioterapia é indicada para pacientes que deverão passar por um longo período de internação sem nenhuma atividade e/ou por um tratamento longo. Isso pelo fato de que na biblioterapia o paciente encontrará uma maneira de melhor aceitar sua situação, recreação e informação sobre o que está se passando consigo. (SEITZ, 2006, p. 28).

Segundo Seitz (2006), na psiquiatria, a biblioterapia funciona como uma cura de distúrbios psíquicos e como coadjuvante no tratamento de pessoas com dificuldade de se expressar e de se comunicar. “Os livros podem atuar como elemento auxiliar nas diversas fases”. (SEITZ, 2006, p. 28)

[...] demanda um planejamento bem estruturado, necessitando-se fazer uma seleção das atividades, de leituras a serem adotadas, para que estas não venham a causar transtornos aos participantes. Pittakavi (1981), estudando a biblioterapia com pessoas doentes, sugere que, ao selecionar os materiais a serem utilizados, devem-se levar em conta: o interesse e o nível de conhecimento dos pacientes; o prognóstico sobre as condições de saúde dos pacientes e as condições para desenvolver a atividade (PINTO, 2005, p. 41).

Em linhas gerais, a biblioterapia em ambiente hospitalar é uma prática já antiga que remonta aos campos de batalha da II Guerra Mundial, quando, em meio ao caos, os livros se mostravam como um elixir as feridas carnis e um placebo aos machucados da alma. Ou seja, o

livro, ao mesmo tempo em que distraíam os combatentes, os ajudavam a encontrar forças para lutar pela vida e também os dotava de maiores esclarecimentos como indivíduos.

#### 4.2.3 Ambiente terapêutico

Independentemente da condição social ou humana, a terapia serve ao ser humano como uma possibilidade de se libertar das emoções escondidas em sua alma e que outrora jamais seriam ou foram externadas. É, portanto, na confrontação de idéias que a biblioterapia em sua análise de cura, deve ser aplicada em grupo ou em dupla, pois a biblioterapia engloba intersubjetividade, intercorporeidade e descentramento, por meio da imaginação, expectativas e lembranças de cada indivíduo e não apenas as emoções aliadas à linguagem (CALDIN, 2010, p. 14).

O que difere a biblioterapia da leitura terapêutica orientada é a existência de uma pessoa com problemas, onde o bibliotecário conhece esses problemas e conhece a história de vida da pessoa. É um ambiente elaborado, seguindo um programa pré-determinado. Ocorre uma troca de informações entre todos os participantes, portanto, não é uma via de mão única e, sim, uma via de vai e volta, envolvendo o bibliotecário, o ouvinte e todo o material utilizado. (BROWN *apud* FERREIRA, 2003, p. 39).

O ser é o tempo. Cuidar do ser é cuidar do tempo, de sua inscrição justa e harmoniosa na temporalidade da existência, tensionada entre a memória e a esperança, entre o que somos, o que fomos e o que podemos ser. Cuidar do ser é cuidar do tempo, cuidar para que não se produza nenhuma disfunção da temporalidade (OUAKIN, 1996, p. 20).

Para Caldin (2010), a palavra terapia não significa meramente o caráter curativo, na realidade em perspectiva mais ampla significa o velar pelo ser, cuidar do ser<sup>51</sup> (CALDIN, 2010, p. 18). Para Ferreira (2003, p. 44), a biblioterapia proporciona mudança no comportamento, auto-correção e formação da pessoa para a vida real.

Disso se infere que, uma história para ser terapêutica, uma história para ser utilizada em atividades de biblioterapia (em forma de leitura, narração ou dramatização), deve

---

<sup>51</sup> A esse respeito Carvalho (2004, p. 82) explicita: “cuidar envolve atos humanos no processo de assistir a pessoa, dotado de sentimento e fundamentado em reconhecimento” e, ainda, “cuidar envolve relacionamento interpessoal que é originado no sentimento de ajuda e de confiança, de empatia mútua” e “desenvolve-se com base em valores humanísticos e em conhecimento técnico-científico” (CALDIN, 2010, p. 37).

possibilitar essa abertura que permite ao leitor, ouvinte ou espectador ultrapassar as significações do mundo cultural e criar novas significações, uma nova maneira de compreender o mundo (CALDIN, 2010, p. 84).

Segundo Caldin (2010), a encantação linguística do conto acontece quando a fala falada passa para a fala falante. Merleau-Ponty (1999) define como fala falante “aquela em que intenção significativa se encontra em estado nascente” e fala falada “desfruta as significações disponíveis como a uma fortuna obtida”. É através da fala falante que o leitor/ouvinte cria a liberdade para criação de um novo texto, é quando se pode pensar nos sentimentos e problemas pessoais, nesse instante o texto passa de ficcional para terapêutico. “O objeto literário tem essa potencialidade embutida; pode-se mesmo afirmar que justamente por ser ficcional, a narrativa é terapêutica.” (CALDIN, 2010, p. 84-86).

A voz é essencial para a contação de histórias, sua entonação e ritmo é que darão vida ao conto. Valendo-se também da fala gestual, que deve estar em sintonia com a fala. (MATOS e SORSY, 2009, p. 35). Dessa forma, deve-se “Mudar a voz imitando os personagens quebra a monotonia. Variar a tonalidade, abaixando-a ou levantando-a. Falar lentamente ou acelerar o ritmo, dependendo da situação descrita na história. Tudo isso traz vida à narração.” (MATOS e SORSY, 2009, p. 142).

Assim, ao contar uma história para crianças, deve-se saber de todas as metáforas que estão inseridas no texto para uma melhor potencialidade terapêutica. Com isso, segundo Sunderland (2005 *apud* CALDIN, 2010, p. 86), a contação para crianças aborda “problemas emocionais comuns, mas fala dentro do domínio da imaginação e não dentro do domínio da cognição”. Já realizada com idosos a biblioterapia é usada para:

[...] a diminuição da ansiedade, ajudando-os a aceitarem suas novas condições de vida, mantendo-os em boas condições psicológicas. A Biblioterapia permite aos idosos uma preparação para a abordagem de temas considerados por eles proibidos. O livro é o elemento mais indicado para proporcionar informações sobre o processo de envelhecimento, seus aspectos físicos, psicológicos e, sobretudo para esclarecimentos acerca dos problemas sexuais que eles, por timidez, não abordam espontaneamente com profissionais da área. Alguns dos objetivos da Biblioterapia com os idosos são o reajustamento da velhice, atualização educacional, socialização e remotivação (SEITZ, 2006, p. 28-29).

Outrossim, para que o bibliotecário seja o biblioterapeuta, além de todo conhecimento mencionado, este deve cuidar do ser, cuidar da liberdade e abertura que provoca uma linguagem em movimento. “O terapeuta deve assim “desfazer” não somente os “nós da alma”, que são um

entreve à vida e à inteligência criadora, mas também os “nós da linguagem”, palavras encerradas na prisão de um sentido único.” (OUAKIN, 1996, p. 21).

Dito de outra maneira: uma história para ser considerada terapêutica deve apresentar mecanismos de enfrentamento dos problemas do dia-a-dia, mas não se valer da linguagem do cotidiano, posto que a mesma é sem atrativos. Assim, a linguagem metafórica, a linguagem que explora a imaginação, é a ideal para as atividades de biblioterapia (CALDIN, 2010, p. 86).

Em síntese, a biblioterapia, ainda que caminhe a passos de consolidação como área de conhecimento na Biblioteconomia, deve ser analisada pelos profissionais envolvidos como área de conhecimento capaz de construir pontes interpessoais, de estabelecer laços afetivos e consequentemente, ser uma partilha de sentimentos. A biblioterapia é capaz de criar vínculos nos mais diversos ambientes em que esteja sendo aplicada. De modo geral, a biblioterapia, pode ser analisada pelo princípio de que para a criança se dá por meio dos contos de fadas, aos adultos pelas literaturas de auto-ajuda e, para a comunidade em geral, se constrói a partir do momento em que o ato de ler se mostre como um momento de prazer e busca pelo entretenimento, e claro, a busca pelo conhecimento. O caráter de não discriminação é que faz da biblioterapia um momento de busca pela cura e compartilhamento de emoções, respeitando assim, a opinião do outro e nos auxiliando em como saber lidar com nossos próprios sentimentos.

## 5 CONCLUSÃO

A análise de todo o arcabouço conceitual, envolvido na biblioterapia, demonstra que a característica ímpar dessa área de conhecimento é que a mesma se dá de forma voluntária e nunca imposta. É por meio desse livre arbítrio que os indivíduos, apresentando seus medos ou apenas suas opiniões, trazem para um grupo de leitura a pacificação de suas emoções. Portanto, aqui se defende que a biblioterapia, valendo-se da literatura, possui poder curativo do corpo e da alma, pois o ser humano é um só, e compreendido como uma unidade indissociável.

Além disso, a realização de um trabalho biblioterapêutico contribui para que as crianças desenvolvam a criatividade e o gosto pela leitura e, para os adultos, os incentiva a retornar a leitura outrora posta de lado. O livro é visto como um auxiliar à construção cognitiva e pessoal dos seres humanos. A biblioterapia, quando aplicada na fase da infância, proporciona no futuro que as pessoas sejam mais bem-resolvidas emocionalmente, segundo o que defendem autores da área, a exemplo de Bettelheim. Não há uma regra para quando deve começar a biblioterapia, pois, segundo autores da área, a mesma pode e deve ser aplicada para crianças antes mesmo da alfabetização. A biblioterapia acompanha o indivíduo nas diversas fases da vida, ao mesmo tempo em que o apuro literário do indivíduo se modifica.

Partindo do princípio da infância, como defende Bettelheim, cada pessoa é diferente. Portanto, não há como saber ao certo qual texto será importante para cada criança. Sabe-se apenas que somente quando a criança revela suas emoções e o modo como reage a essas emoções e que se saberá se uma resposta foi eficiente ou não. Associada ao conto para as crianças, não só a leitura de um conto é um recurso de despertar o interesse na história, mas os demais elementos que o acompanham, dentre os quais a música e os recursos visuais, como os fantoches e o palco, porém lembrando sempre, que não é o cenário e o contador, que devem chamar a atenção, mas sim, a história que o conto de fadas quer passar.

Associado a essa visão, o ofício do contador de histórias se mostra como uma forma complementar para a compreensão de uma história contada às crianças de modo mais simbólico, claro e objetivo. Por meio dos contos é que se alcança a identificação (projeção e introjeção), catarse e a introspecção do leitor para com a história narrada. Isso está comprovado porque os contos de fadas nos projetam em direção a uma fuga de nossa realidade, e nos inserem em um mundo fantástico e mágico.

Ainda que encontrem dificuldades em sua difusão acadêmica, a biblioterapia, para a Biblioteconomia, não deve ser ignorada, embora haja pouca literatura acerca do assunto. A biblioterapia, de acordo com os estudos adquiridos na bibliografia, se mostrou como sendo uma atividade datada de tempos antigos, sendo ao longo dos anos interpretada e modelada à sua época. A literatura especializada identifica que atualmente a biblioterapia vem adquirindo força pela possibilidade de ser trabalhada em conjunto diferentes áreas de conhecimento tais como: a psicologia, a medicina e outras. Cabe, aos profissionais de Biblioteconomia, perceber nessa possibilidade, uma importante e vasta área de atuação, o que assim lhe permitirá expandir seus horizontes além dos limites dos serviços de informação de uma biblioteca.

Em síntese, a biblioterapia, como um todo, se vale do momento da leitura como forma de terapia para o ser humano e, acima de tudo, pelo simples fato de que a leitura é uma condicionante humana à aquisição de conhecimento e aos momentos de prazer. Ferreira acredita que é no momento do diálogo biblioterapêutico que o texto abre espaço para os comentários e interpretações, e que assim se compreende que aos indivíduos é proporcionada a escolha de pensamento e de comportamento. Isso significa, que o livro é capaz de reunir as pessoas e promover a troca de ideias e opiniões, capazes de serem convertidas na mudança de comportamento.

Para um melhor resultado da biblioterapia deve-se apresentar um conto com as emoções envolvidas na história para a criança. E essa é melhor maneira do conto ser compreendido. A palavra contada não é apenas uma fala, mas, sim, uma fonte rica em significados, pois, o que se quer alcançar na narrativa oral é justamente a relação entre o leitor e seus ouvintes. Esse diálogo deve ser espontâneo, já que o texto é construído em conjunto com os ouvintes, que participam todo o tempo ativamente.

Os profissionais atuantes em biblioterapia devem ter como pilares a sensibilidade em identificar os interesses de seu público, propor atividades em grupos, ou até mesmo individuais, para a libertação dos sentimentos. Além disso, é por meio do diálogo que os indivíduos em sua busca por respostas de como enfrentar a realidade, encontram meios de confrontá-la de modo mais sereno e confiante. Assim sendo, a biblioterapia obtém nas páginas de um livro as alternativas, além da vitória sobre os obstáculos, e acima de tudo, uma perspectiva de ser um processo terapêutico ao indivíduo por meio das palavras. Em linhas gerais, o livro reforça o pensamento e fomenta a busca do ser humano pelo bem-estar.

## REFERÊNCIAS

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 21. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

CALDIN, Clarice Fortkamp. **Biblioterapia: um cuidado com o ser**. São Paulo: Porto de Idéias, 2010.

\_\_\_\_\_. A aplicabilidade terapêutica de textos literários para crianças. **Enc. Biblio: Eletr. Biblioteconomia Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 9, n. 18, p. 72-89, 2º sem. 2004.

\_\_\_\_\_. A leitura como função terapêutica: biblioterapia. **Enc. Biblio: Eletr. Biblioteconomia Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 6, n. 12, p. 32-44, 2001. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/36/5200>>. Acesso em: 15 jan. 2011.

\_\_\_\_\_. Biblioterapia: atividades de leitura desenvolvidas por acadêmicos do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Santa Catarina. **Biblios**, v. 6, n. 21/22, Ene/Ago. 2005. Disponível em: <[http://eprints.rclis.org/bitstream/10760/6727/1/2005\\_03.pdf](http://eprints.rclis.org/bitstream/10760/6727/1/2005_03.pdf)>. Acesso em: 20 abr. 2011.

CATARSE. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/filosofia/catarse/>>. Acesso em: 15 jan. 2011.

CFB. Disponível em: <<http://www.cfb.org.br/institucional.php?codigo=7>>. Acesso em: 28 abr. 2011.

CHEMAMA, Roland (org.). **Dicionário de psicanálise Larousse**. Porto Alegre: Artmed, 1995.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. Características da obra literária infantil. In: CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura infantil: teoria e prática**. 18. ed. São Paulo: Ática, 1991. Cap. 4, p. 70-95.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos / Livros, 2008.

FERREIRA, Danielle Thiago. Biblioterapia: uma prática para o desenvolvimento pessoal. **Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v. 4, n. 2, p. 35-47, jun. 2003. Disponível em: <<http://www.fae.unicamp.br/revista/index.php/etd/article/view/1809/1651>>. Acesso em: 20 jan. 2011.

FONSECA, Edson Nery da. Ciência da informação e prática bibliotecária. **Ciência da Informação**, v. 16, n. 2, p. 125-127, jul./dez. 1987. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/1464/1083>>. Acesso em: 14 fev. 2011.

GUTFREIND, Celso. **O terapeuta e o lobo**: a utilização terapêutica do conto na psicoterapia da criança. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LUCAS, Eliane R. de Oliveira; CALDIN, Clarice Fortkamp; SILVA, Patrícia V. Pinheiro da. Biblioterapia para crianças em idade pré-escolar: estudo de caso. **Perspectiva em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 11, n. 3, p. 398-415, set./dez. 2006. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-99362006000300008&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-99362006000300008&lang=pt)>. Acesso em: 15 mar. 2011.

MACHADO, Regina. **Acordais**: fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias. São Paulo: DCL, 2004.

MARTINS, Cristina Deberti. Una biblioterapia posible: o “Juana, La Del billete de mil”. **Información, Cultura y Sociedad**, n. 20, p. 83-90, 2009. Disponível em: <[http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S185117402009000100005&lang=pt](http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S185117402009000100005&lang=pt)>. Acesso em: 15 mar. 2011.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19. ed., 15. reimp. São Paulo: Brasiliense, 2007. (Coleção Primeiros Passos, 74).

MATOS, Gislayne Avelar. **A palavra do contador de histórias**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2005.

MATOS, Gislayne Avelar; SORSY, Inno. **O ofício do contador de histórias**: perguntas e respostas, exercícios práticos e um repertório para encantar. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

OLIVEIRA, Marlene de. Origens e evolução da Ciência da Informação. In: OLIVEIRA, Marlene de (coord.). **Ciência da Informação e Biblioteconomia**. Belo Horizonte: UFMG, 2005. Cap. 1, p. 9-28.

OUAKNIN, Marc-Alain. **Biblioterapia**. São Paulo: Loyola, 1996.

PINTO, Virginia Bentes. A biblioterapia como campo de atuação para o bibliotecário. **Transinformação**, v. 17, n. 1, p. 31-43, jan./abr. 2005. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/pbcib/index.php/pbcib/article/view/75>>. Acesso em: 4 abr. 2011.

PRADO, Lidiani da Rocha; VECTORE, Celia. Literatura infantil: a importância das histórias infantis na pré-escola. **Revista Teoria e prática da educação**, v. 9, n. 1, p. 77-90, jan./abr. 2006. Disponível em: <<http://www.dtp.uem.br/rtp/volumes/v9n1/art07.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2011.

PRADO, Lidiani da Rocha; FAZANO, Marilza Bortoleto. Brincando e cantando Cecília Meireles: reflexões sobre o papel da literatura infantil na formação psicológica e social das crianças. **Revista Teoria e prática da educação**, v. 7, n. 2, p. 249-253, maio/ago. 2004. Disponível em: <[http://www.dtp.uem.br/rtp/volumes/v7n2/v7n2\\_rel003.pdf](http://www.dtp.uem.br/rtp/volumes/v7n2/v7n2_rel003.pdf)>. Acesso em: 20



jan. 2011.

RATTON, Angela Maria Lima. Biblioterapia. **Revista de Escola de Biblioteconomia**, v. 4, n. 2, p.198-214, set. 1975. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/reb/>>. Acesso em: 15 abr. 2011.

SACCONI, Luiz Antonio. **Minidicionário Sacconi da língua portuguesa**. 6. ed. São Paulo: Atual, 1996.

SEITZ, Eva Maria. **Biblioterapia**: uma experiência com pacientes internados em clínica médica. Florianópolis: Habitus, 2006.

SILLAMY, Nobert. **Dicionário de psicologia Larousse**. Porto Alegre: Artmed, 1998.